

Mestrado em Turismo

Ramo de Especialização em Gestão Estratégica de Destinos Turísticos

Dissertação de Mestrado

“Itinerários de Turismo Solidário: o caso do Bairro da Mouraria “

Mestrando: Joana Rita Torres Delgado

Orientador: Professora Doutora Graça Joaquim, EShte

Março 2016

Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

Mestrado em Turismo

Ramo de Especialização em Gestão Estratégica de Destinos Turísticos

Dissertação de Mestrado

“Itinerários de Turismo Solidário: o caso do Bairro da Mouraria “

Dissertação de Mestrado para obtenção do grau de Mestre em Turismo,
Especialização em Gestão Estratégica de Destinos Turísticos

Mestrando: Joana Rita Torres Delgado

Orientador: Professora Doutora Graça Joaquim, ESHTE

Março 2016

Agradecimentos

Às minhas avós e tia pela compreensão e carinho durante os largos períodos que não as visitei por estar dedicada a este projeto.

Aos pais e irmãos pelos dias em que não estive, não cheguei a hora, não fui calma ou calorosa. Pelas ideias e conselhos, pela paciência infinita e por me fazerem querer ser mais.

À minha madrinha pelas horas dispensadas, pelos almoços, pelo carinho e compreensão, pelo apoio incondicional e pela inspiração.

Às colegas de trabalho que não me permitiram desistir, que me incentivaram e me fizeram ver o caminho quando eu me convencia de que não chegaria ao fim.

Ao amigo que me ouviu e acompanhou. Por ter acreditado em mim quando muitos não acreditavam.

Às minhas amigas pelas poucas palmadinhas nas costas e pela força e persistência que insistiam que eu tivesse até aos últimos minutos.

Às minhas primas, mais velhas e mais novas, pela inspiração e exemplo e aos nossos pais por nos passarem estes princípios e estímulos.

À minha orientadora pela paciência, pelos imensos conselhos e conhecimento partilhados.

Ao Nuno Franco pela atenção e partilha, à Associação Renovar a Mouraria, à Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, à Impactrip e à Carla Sancho, por toda a colaboração e atenção que me prestaram durante este percurso.

Por fim, um obrigada a todos os que, comigo, acreditaram!

Índice

Agradecimentos	3
Resumo.....	7
Abstract	8
Introdução	9
Capítulo I – A Experiência Turística.....	11
1. A Experiência Turística: Desenvolvimentos Conceptuais	13
1.1. A Desdiferenciação da Experiência Turística	13
1.2. A Pluralidade da Experiência Turística.....	14
1.3. A Subjetividade da Experiência Turística	15
2. Novas Formas de Turismo	16
Capítulo II – Metodologias de Investigação.....	20
1. Estratégias de Investigação	20
Capítulo III – Metodologias de Construção de Itinerários Turísticos	21
1. Conceitos.....	21
1.1. Desenvolvimento Comunitário	21
1.2. Economia Solidária	22
1.3. Turismo Social	23
1.4. Turismo Voluntário.....	25
1.5. Turismo Solidário.....	26
2. Circuitos, Itinerários e Rotas	27
Capítulo IV - O Bairro da Mouraria.....	32
1. Caracterização do Bairro da Mouraria	32
1.1. Dados demográficos.....	36
1.2. Dados geográficos.....	39
1.3. A Mouraria e o Turismo.....	41
2. Recursos e Potencialidades	41
2.1. Recursos Existentes no Bairro da Mouraria	42
2.2. Potencialidades do Bairro da Mouraria.....	47

Capítulo V - Itinerários de Turismo Solidário no Bairro da Mouraria	49
1. Propostas:	49
1.1. Itinerário Solidário <i>Meio-dia com a Refood</i>	49
1.2. Itinerário Solidário <i>Meio-dia na Multiculturalidade</i>	50
1.3. Itinerário Solidário <i>Um dia nos Saberes e Sabores da Mouraria</i>	52
1.4. Itinerário Solidário <i>Um Dia a Ajudar a Mouraria</i>	53
1.5. Itinerário Solidário <i>Três dias no Santo António da Mouraria</i>	54
Conclusão	56
Bibliografia	58
Anexos.....	64

Índice de Figuras

Figura 1 - Novo turismo	17
Figura 2 - Formas de Turismo	18
Figura 3 - População por freguesias	36
Figura 4 - Freguesia Santa Maria Maior - número de edifícios e população residente..	37
Figura 5 - Acessibilidade para pessoas com mobilidade reduzida aos edifícios de alojamento	38
Figura 6 - Recursos Sociais no Bairro	42
Figura 7 - Recursos Culturais e Desportivos no Bairro	43
Figura 8 - Recursos de Educação e Formação no Bairro	43
Figura 9 - Recursos Religiosos no Bairro.....	43
Figura 10 - Recursos de Restauração no Bairro	44
Figura 11 - Tipos de alojamento na Freguesia	45

Resumo

A presente dissertação teve como objetivo desenvolver e apresentar propostas de itinerários de turismo solidário para o bairro da Mouraria em Lisboa, procurando estudar formas de turismo em forte crescimento no contexto de um bairro multifacetado e multicultural.

Os itinerários turísticos constituem formas privilegiadas de organização da oferta turística e no contexto da sustentabilidade local podem ser organizados e implementados numa lógica de desenvolvimento comunitário, respondendo à crescente procura de experiências autênticas por parte dos turistas, onde a responsabilidade social e a participação ativa nos modos de vida das comunidades locais constituiu atualmente um dos eixos centrais da experiência turística. Por outro lado podem constituir um importante mecanismo de reforço da sustentabilidade local e do desenvolvimento comunitário.

Trata-se de um estudo de caso pelo que foi desenvolvido um aprofundado estudo sobre o bairro e diversas explorações no terreno. O trabalho teve como enquadramento um estudo da evolução do turismo, da experiência turística, das novas formas de turismo, e das metodologias de criação de itinerários, circuitos e rotas turísticas, por forma a problematizar os resultados empíricos e a orientar toda a pesquisa efetuada.

Foram desenvolvidas diferentes propostas de itinerários de turismo solidários, envolvendo diferentes áreas de intervenção e de interesse, diferentes entidades sociais e culturais e diferentes períodos de duração, por forma a permitir o maior leque de possibilidades quer para o turista, quer para o bairro e sua comunidade.

Palavras-Chave: Experiência Turística; Desenvolvimento Comunitário; Turismo Solidário; Mouraria; Itinerários Turísticos.

Abstract

This dissertation aimed to develop and submit proposals of solidarity tourism itineraries to Mouraria quarter in Lisbon, seeking to study forms of tourism in strong growth in the context of a multifaceted and multicultural neighborhood.

Tourist routes are privileged forms of the tourism offer organization and, in the context of local sustainability, can be organized and implemented in a logic of community development, responding to the growing demand for authentic experiences by tourists, where the social responsibility and active participation in the ways of life of the local communities is currently one of the central axes of tourist experience. On the other hand, they can be an important reinforcement mechanism of the local sustainability and community development.

This is a case study and therefore it was the result of a deep study of this neighborhood and several explorations on the ground. The dissertation had as a framework a study of tourism development, of tourism experience, of new forms of tourism, and of methodologies of creating itineraries, tours and tourist routes, in order to discuss the empirical results and to guide all the research carried out.

Different proposals for solidarity tourism itineraries were developed. They involved many areas of intervention and interest, social and cultural organizations, periods of time, in order to enable the widest range of possibilities, both for the tourist and for the neighborhood and its community.

Keywords: Tourist Experience; Community Development; Solidarity Tourism; Mouraria; Tourist Routes.

Introdução

A presente dissertação teve por principal objetivo o desenvolvimento de propostas de itinerários de turismo solidário para o bairro da Mouraria em Lisboa articulando formas de turismo em crescimento no contexto de um bairro multifacetado e multicultural. Isto é, através do estudo desenvolvido pretendeu-se desde o início conjugar os benefícios do turismo solidário com as necessidades do bairro procurando aliar tendências, benefícios e necessidades por forma a alcançar o objetivo principal.

Assim, principal objetivo deste trabalho é a proposta de itinerários de turismo solidário para o bairro da Mouraria.

Trata-se assim de um estudo de caso em que é desenvolvido uma aprofundada análise sobre o bairro e diversas explorações no terreno além do enquadramento do estudo da evolução do turismo, da experiência turística, das novas formas de turismo, e das metodologias de criação de itinerários, circuitos e rotas turísticas, por forma a problematizar os resultados empíricos e a orientar toda a pesquisa efetuada.

Os itinerários turísticos constituem formas privilegiadas de organização da oferta turística e no contexto da sustentabilidade local podem ser organizados e implementados numa lógica de desenvolvimento comunitário, respondendo à crescente procura de experiências autênticas por parte dos turistas, onde a responsabilidade social e a participação ativa nos modos de vida das comunidades locais constituiu atualmente um dos eixos centrais da experiência turística. Por outro lado podem constituir um importante mecanismo de reforço da sustentabilidade local e do desenvolvimento comunitário.

A imagem de pobreza e boémia associada à Mouraria desde o séc. XX manteve até aos dias de hoje um estigma de insegurança ligado ao bairro. Se por um lado, é por uns considerado uma “marca” da cidade, inclusive para o turismo, por outro, é sinónimo de insegurança. Este desequilíbrio continua, parcialmente, a não permitir a evolução no sentido de melhorar a imagem e a qualidade de vida do bairro, de diminuir a pobreza e a exclusão social da comunidade local.

Deste modo, torna-se relevante a associação do turismo solidário enquanto nova forma de turismo, direcionada para a solidariedade e sustentabilidade e promotor do desenvolvimento comunitário, num bairro com as características da Mouraria, marcado

por fortes contextos de multiculturalidade, internamente diferenciado e com fortes desigualdades sociais.

Em síntese, tendo em conta as problemáticas e as metodologias referidas, a presente dissertação pretende estudar no enquadramento conceptual a experiência turística e a criação de itinerários turísticos; estudar aprofundadamente o bairro alvo do estudo de caso, sobretudo nos seus recursos e potencialidades e, finalmente, a elaboração de potenciais itinerários de turismo solidário para o bairro da Mouraria.

A dissertação está organizada tendo em conta estes objetivos correspondendo cada um deles às partes fundamentais da mesma.

O resultado final materializa-se na proposta de itinerários cinco de turismo solidário envolvendo diferentes áreas de intervenção e de interesse, múltiplas entidades sociais e culturais e diferentes períodos de duração, por forma a permitir o maior leque de possibilidades quer para o turista, quer para o bairro e para a sua comunidade.

Capítulo I – A Experiência Turística

Os itinerários turísticos constituem uma das formas mais exemplares de organização da experiência turística. Previamente à conceptualização da experiência turística ou do desenvolvimento turístico faremos um pequeno enquadramento do turismo e do seu papel na contemporaneidade.

Reproduzindo palavras de Joaquim (2015) “A palavra ‘turismo’ invade o discurso social, aparece como um motivo condutor na mais banal das conversas, assim como nas reflexões filosóficas, entranha-se no discurso quotidiano e emerge no discurso científico”, palavras estas que demonstram a relevância desta prática, deste fenómeno social ou desta indústria.

A autora refere Lanfant ao considerar que “o turismo é transcendido pela noção de troca internacional”, consubstanciando-se como um “fenómeno social total” pela sua capacidade de se imbricar nas múltiplas esferas da vida em sociedade.

Segundo a Organização Mundial de Turismo (OMT / UNWTO, 2010), o turismo refere-se às atividades de pessoas que viajam e se alojam em locais fora do seu ambiente habitual, seja por lazer, por negócios ou outros motivos e, desde que não tenha uma duração de mais do que um ano.

Como afirmam diversos autores, para haver turismo tem que haver deslocação, no entanto nem todas as viagens são consideradas deslocações de turismo. Neste sentido, e com base na designação da Organização Mundial de Turismo, Marques (2009) aponta três normas que em simultâneo caracterizam uma viagem turística. São estas a deslocação para fora do ambiente habitual do viajante; o motivo da deslocação, sendo que este não deverá ser pela remuneração no local visitado; e a duração da deslocação, tendo aqui o limite máximo de um ano para a estadia no local visitado e não sendo considerado um mínimo, pelo que a viagem não terá que implicar a pernoita.

Numa perspetiva histórica e de “raízes” do ato de viajar, este está presente desde os primórdios da humanidade, altura em que as deslocações eram feitas por questões de sobrevivência, de comércio, de peregrinação de expansão, entre outras. As que foram consideradas as primeiras formas do turismo moderno apontam para meados do séc. XIX, com formas como o turismo de montanha, o balnear e o termalismo (Cavaco,

2006). Thomas Cook é apontado como o primeiro agente de viagens por ter sido o fundador da primeira empresa que efetivou a organização, estruturação, promoção e venda de uma viagem turística.

No que diz respeito à sua evolução, o turismo foi, e é, uma indústria em crescimento e desenvolvimento exponenciais. Com períodos impulsionadores como o após a revolução industrial, ou após a segunda guerra mundial e, como iremos ver, nos finais do séc. XX, o turismo mundial tem sido caracterizado por uma notável capacidade de sobrevivência. Esta sobrevivência que tem tido, como a própria história indica, períodos de quebra ou estagnação provocados por acontecimentos muitas vezes incontornáveis ou difíceis de contornar, como são as catástrofes naturais (ex.: tsunami de dezembro 2004 na Tailândia.); perigos de saúde pública (ex.: epidemias como a dengue, o ébola ou o vírus zika, para os quais foi ativado pela Organização Mundial de Saúde o alerta de emergência mundial de saúde.); guerras ou terrorismo (ex.: atentado de 11 setembro 2001 em Nova York ou a atual guerra na Síria e em outros países).

Em termos de dimensão e características, o turismo mundial é maioritariamente um turismo de massas, não produzindo sempre os efeitos esperados e tendo por vezes efeitos negativos sobre os locais e as populações, provocando nalgumas situações uma repartição desequilibrada dos lucros a favor dos países emissores. Os elevados níveis de massificação do turismo tem produzido uma grande panóplia de novas formas alternativas de turismo marcadas pela responsabilidade e pela solidariedade quer do emissor, quer do recetor (Caruana *et al*, 2014). É neste contexto e, como iremos abordar em capítulos posteriores, que estas características predominantes no turismo mundial têm vindo a ser acrescidas de cada vez mais diversidade e alternativas como demonstram as múltiplas novas formas de turismo à escala global.

De forma resumida e abrangente, Laurent (2003) indica quatro características que ao mesmo tempo que demonstram a indústria do turismo como um sector para o desenvolvimento, também demonstram a sua especificidade:

- A explosão da oferta turística, consequência do marketing e de uma evolução cultural favorável ao lazer nos países ricos mas que pode ficar em “sobreabundância” com o surgimento de dificuldades junto dos consumidores;
- Os potenciais compradores que tem perante si uma oferta múltipla de produtos e de destinos turísticos sobre os quais existe uma “concorrência global e em permanente renovação”;

- As transações económicas usuais em que o turismo “apresenta a particularidade de a procura se deslocar em direção à oferta”;
- A necessidade de “elaboradas estratégias de comunicação e a implantação de um marketing eficaz” para conquistar a decisão do cliente que não poder ver o produto antes da decisão de compra.

Em síntese verificamos que com a evolução que a indústria do turismo tem vivido, essencialmente, ao longo das últimas décadas, além da necessidade de acompanhar a tecnologia e o desenvolvimento do mundo, o turismo deve concentrar-se no seu consumidor e no que este procura, sendo a experiência turística um elemento essencial. A experiência turística é atualmente marcada pela pluralidade, subjetividade e desdiferenciação e o turista, cada vez mais independente, já não procura no turismo apenas a fuga ao quotidiano, o descanso e o lazer mas sim uma forma de complemento à sua vida com experiências autênticas.

1. A Experiência Turística: Desenvolvimentos Conceptuais

Sendo o turismo cada vez mais uma atividade presente nas sociedades, e à escala global, é importante analisar e perceber o que tem vindo a mudar neste setor; como é que as pessoas começaram a vê-lo e a “usá-lo”; os motivos reais que levam as pessoas a viajar e o que é hoje em dia a experiência turística.

Uriely (2005), sobre o desenvolvimento conceptual da experiência turística, aponta três grandes dimensões da experiência turística: a desdiferenciação; a pluralidade e a subjetividade.

1.1. A Desdiferenciação da Experiência Turística

A desdiferenciação refere-se ao esbatimento de fronteiras entre o turismo e outras esferas da vida quotidiana, como sejam o trabalho, o lazer, as relações familiares e pessoais ou as migrações. Tendo em conta que as movimentações hoje em dia estão mais facilitadas, não só pela eliminação da necessidade de vistos para viajar para muitas partes do mundo e pela grande e variada oferta de meios de transporte, mas também pelas diferentes motivações que levam as pessoas a viajar. Acresce o fortíssimo impacto

das novas tecnologias e das redes sociais que estão a transformar aceleradamente a experiência turística e a aproximá-la da vida quotidiana (Wang et al, 2016). Hoje, existem por todo o mundo milhares de pessoas que viajam por múltiplas razões ou motivações, sejam elas pessoais; familiares; profissionais; de saúde; culturais ou outras, e não apenas por motivo de lazer.

Um exemplo disso é o denominado turismo VFR (*visit friends and relatives*) (Larsen, Auxhen e Urry, 2007), ou seja, o grande número das deslocações turísticas que se verificam nos dias de hoje por consequência dos crescentes movimentos migratórios que se tem verificado nos últimos anos por todo o mundo devido a crises que se fazem sentir por diversos motivos em vários países. Isto porque os migrantes, na maioria dos casos, fazem várias viagens anuais para visitar o seu país de origem (no Natal, nas férias ou em épocas especiais da sua vida pessoal). Assim como, no processo inverso, pessoas vão visitar os seus familiares ou amigos que estão fora do seu país aproveitando este motivo para fazer uma viagem, conhecer um novo destino, fazer uma pausa nas suas rotinas.

Um outro exemplo de motivação para o turista é o grande número de pessoas que procuram no turismo uma forma de reescrever a sua biografia pessoal seja através do voluntariado (Coghlan, 2015) do *gap year* (Snee, 2013), em viagens muitas vezes com longa duração, onde se articula trabalho, lazer, conhecimento do Outro, autorreflexividade e redescoberta do Eu (Brown, 2013).

Mais, temos também o exemplo dos turistas que viajam para conhecerem diferentes culturas, tradições, populações, e viverem e experienciarem dessas culturas. Esta vertente e a facilidade de contacto e vivência com outras culturas deve-se em parte e ganha força com a globalização e com a diminuição das fronteiras no mundo, entre diferentes e distantes civilizações.

1.2. A Pluralidade da Experiência Turística

Falamos em pluralidade do ponto de vista da multiplicidade de tipos e formas de turismo que hoje se praticam, sendo que cada vez mais autores se referem a turismos (Joaquim, 2015). Cohen foi pioneiro na análise das tipologias de turismo e na conceptualização do turista, e já em 1972 distinguiu o turista recreacional, sobre o qual argumenta que tem uma maior relação com a indústria turística, do turista de experiência, o qual remete para uma natureza mais performativa e a um maior grau de

independência face à indústria turística. É o mesmo autor que complexifica esta análise propondo quatro categorias: *drifter*, viajante independente, turista individual de massas e turista coletivo de massas (Cohen, 1979).

Atualmente a tendência da existência de vários tipos de turismo tem vindo a aumentar e com ela, novos tipos de turismo e turistas se têm imposto. Por outro lado a indústria turística tem vindo a integrar outras mobilidades, como as profissionais, como movimentos turísticos. Outros exemplos são os *backpackers*, conhecidos por mochileiros, que são turistas tradicionalmente numa faixa etária jovem e hoje muito mais alargada, que partem à aventura “de mochila às costas”, às vezes sem qualquer tipo de reserva ou marcação de viagem ou alojamento (Larsen, Ogaardt and Brun, 2011); os *flaspackers*, um conceito semelhante ao de *backpacking* mas com a principal diferença a incidir na faixa etária e no poder de compra. Estes são turistas com maior poder de compra que, muitas vezes optam por bons alojamentos e serviços (Paris, 2012); o *darktourism*, assim como o turismo religioso ou o turismo de guerra onde os turistas se deslocam com o intuito de experienciar atividades e acontecimentos relacionados com o respetivo tema de interesse, como visitas guiadas a cemitério; peregrinações religiosas ou experiências turísticas em teatro de guerra; o turismo de voluntariado em que as pessoas pagam para exercer voluntariado, principalmente em países subdesenvolvidos onde existem grandes vulnerabilidades e disparidades sociais, culturais, ambientais. Neste caso, também as próprias organizações não-governamentais vestem a pele de operadores turísticos e fornecem “pacotes turísticos” para a prática de ações de voluntariado (Conram, 2012).

1.3. A Subjetividade da Experiência Turística

A subjetividade da experiência turística espelha a forma como cada turista vive, interpreta, representa e partilha a sua viagem, de acordo com os seus gostos, os seus ideais, as suas emoções e todo o contexto socioeconómico e cultural que marca as suas trajetórias. Do modo que, dentro de uma mesma experiência turística, podem existir diferentes pontos de vista e interpretações por parte dos turistas que dela usufruem. Neste caso, podemos ver o mercado como criador de produtos de forma a vendê-los, na maioria das vezes, de forma generalizada, para um leque de clientes que pode ser mais ou menos abrangente e, a partir do momento em que está no mercado, o produto pode ser adquirido com diferentes intuitos e interpretações. Daí a subjetividade das

experiências turísticas, pois, dificilmente serão sempre adquiridas e usufruídas com a mesma visão e ideia com que foram concebidas. Em simultâneo os turistas são cada vez mais produtores e mediadores no contexto da experiência turística. Sublinhe-se o papel que desempenha a cultura popular de massas com o crescimento exponencial de formas de turismo cinematográfico (Frost, 2010; Oviedo-Garcia et al., 2014) onde os mediadores e produtores iniciais são os turistas e onde as novas tecnologias e as redes sociais desempenham um papel preponderante.

A crescente subjetividade da experiência turística no sentido em que o viajante cada vez menos tem um padrão definido uma vez que, ajudado pela “força” da globalização, é influenciado pelas culturas, pelas religiões, pelos acontecimentos a nível mundial, pela educação e o conhecimento que vai adquirindo ao longo da vida, pelas experiências vividas.

Esta abordagem está muito relacionada com o desenvolvimento e as novas formas de turismo, uma vez que o mundo está em permanente mudança num contexto claramente marcado pela globalização e pela cultura popular de massas.

2. Novas Formas de Turismo

Com o fenómeno da modernização ligado à inovação, com novos modelos de produção e produção massificada, e o início da era da globalização, em meados do século XX começámos a estar perante mudanças relevantes no turismo a nível internacional. Além destes fatores de desenvolvimento que influenciaram as sociedades e a economia e consequentemente todas as indústrias, outro fator chave para as alterações no turismo surgiu com o início das preocupações ambientais consequentes de novas descobertas sobre o universo, o planeta terra e a sua fragilidade, até então desconhecidas. Associados a estes fatores surge então o paradigma de sustentabilidade a partir do qual podemos considerar que começam a surgir realmente aquelas a que chamamos de “novas formas de turismo”. Considera-se que estas tenham ganho poder no início da década de 90 com uma série de produtos que combinam bens, recursos e experiências (Talavera, Rodriguez e Darias, 2010).

A pluralidade e a subjetividade da experiência turística (Uriely, 2005), as quais já abordámos, estão exemplarmente presentes nestas novas formas de turismo, onde a

autenticidade da experiência turística (Wang, 1999) e a relação com o Outro (Galani-Moutafi, 2000) são dimensões centrais.

Na articulação do conhecimento e desenvolvimento verificado com as novas formas de turismo, Poon (1993) caracteriza o Novo Turismo como sendo flexível, segmentado, de integração diagonal e de considerações ambientais. A partir destas características, desenvolveram-se modelos de gestão e produção específica adaptados também à inovação tecnológica e ao perfil dos novos consumidores, conforme demonstra a ilustração 1.

Figura 1 - Novo turismo



Fonte: Poon, 1993, adaptado por Ramos e Fernandes, 2012.

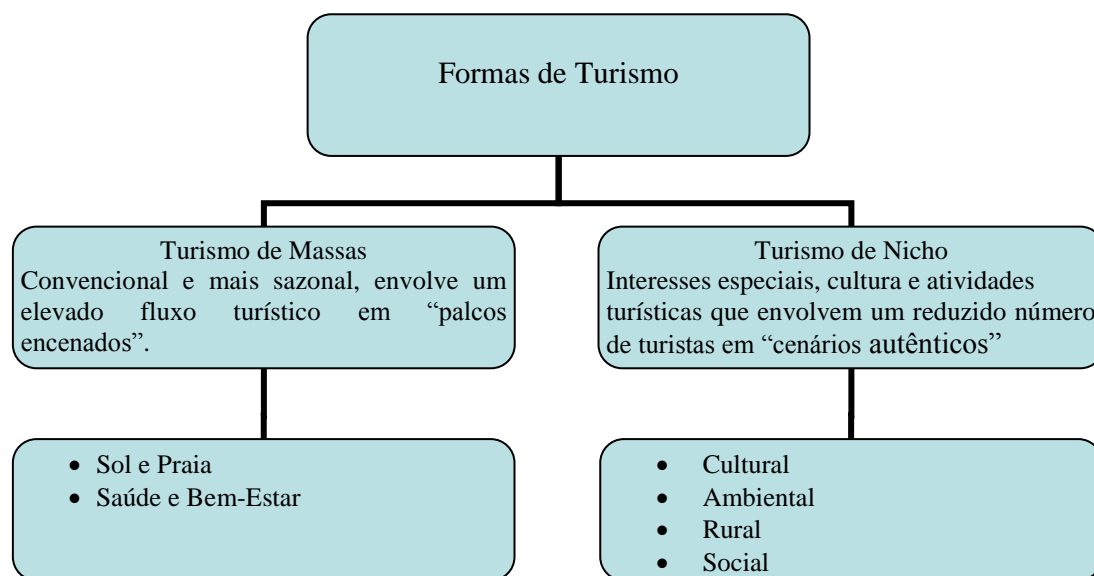
Desde o turismo rural e o ecoturismo; o turismo responsável e o sustentável; o turismo de aventura e o de natureza; ao turismo solidário e o de pobreza, são estes e tantos outros os “novos turismos” que temos vindo a conhecer nos últimos anos e que se associam a um perfil de turista também ele mais complexo do turista que conhecíamos.

Enquanto no turismo “pré-moderno”, o turismo de massas, tínhamos a predominância de uma escolha de sol e praia e saúde e bem-estar, com um turista que apenas o era aquando das suas férias “grandes” e que procurava um destino de praia e sol para quebrar a rotina da sua vida e viajar apenas em lazer, para descanso e para o seu

bem-estar, no turismo moderno, com as novas formas de turismo, temos um turista com um perfil muito mais abrangente, versátil, independente e reflexivo. Este último é conhecedor deste mundo que se tornou numa aldeia global e, com esta facilidade de proximidade, procura experienciar, viver e ser conhecedor de mais e diferentes destinos, culturas e modos de vida.

Citando Santos (2014), “a procura turística mudou em experiência, em exigência, em motivações, em personalização”.

Figura 2 - Formas de Turismo



Fonte: Criação própria, adaptado de Santos, 2014

Como Ramos e Fernandes afirmam (2012), se por um lado estes aspetos de globalização, industrialização, inovação, remetem para um processo de comercialização da esfera social que criam monotonia e uma menor atratividade, por outro, também levam à ascensão de novas formas culturais de onde, por sua vez, podem surgir potenciais recursos turísticos - contradição da exclusão versus inclusão.

Outra consequência desta modernização foi o aumento da competitividade que, trouxe ao setor uma nova dinâmica de diferenciação e criatividade o que também ajudou numa perda de protagonismo mediático por parte do turismo de massas. Assim, têm continuado a surgir novas formas de turismo, nichos de mercado que têm sido explorados para dar resposta às vontades, expectativas e interesses dos novos turistas. Estes que valorizam o genuíno, as tradições, os valores e os hábitos culturais e locais.

O desenvolvimento, a inovação, as alterações económicas e sociais, os novos produtos, as novas realidades, os novos interesses, os novos consumidores, remetem-nos a relação de lógicas no turismo do “antes” e do “agora” (Ferreira e Costa, 2006), o velho e o novo turismo e o velho e o novo turista, o turista de massa versus o turista responsável ou o turista versus o viajante; as alterações nos modos de consumo; as importantes mudanças (económicas, socioculturais e políticas) nas sociedades contemporâneas; as alterações nos modelos de relacionamento internacional. Os autores sublinham o processo de democratização do turismo e apontam para a crescente complexidade deste fenómeno. Primeiro, com o direito às férias, ao 13º mês e a redefinição de horários e condições de trabalho que foram os grandes impulsionadores do turismo de massas uma vez que permitiram aos trabalhadores uma maior possibilidade de acesso às atividades de turismo e lazer. Assim, o turismo começa a deixar de ser apenas uma atividade privilégio de elite e passa a fazer parte do quotidiano das classes trabalhadoras, sobretudo das classes médias. Depois, na sociedade pós-moderna, com todo o desenvolvimento que já aqui referimos e com o aparecimento das novas formas de turismo, este passa a ser usufruído na íntegra, em todas as suas vertentes, com todo o valor da experiência e dos seus benefícios, por este novo turista que conhecemos: independente, conhecedor, sofisticado e em permanente relação com os meios de comunicação e as novas tecnologias globais.

Capítulo II – Metodologias de Investigação

1. Estratégias de Investigação

As opções metodológicas para este trabalho assentaram principalmente nas metodologias intensivas ou qualitativas, embora o recurso a metodologias extensivas, sobretudo na vertente da pesquisa e análise de bases de dados estatísticas sobre o bairro da Mouraria, constitua um importante contributo para a caracterização e conhecimento do mesmo. Também a pesquisa e análise documental, tanto sobre o bairro, como sobre o turismo solidário estiveram sempre presentes ao longo do estudo.

Este trabalho assume-se como um estudo de caso e como tal a observação participante e as entrevistas aprofundadas a informantes privilegiados constituem o cerne da estratégia metodológica.

Foram realizadas múltiplas visitas ao bairro com o objetivo, numa primeira fase, de conhecimento do terreno, e numa segunda fase de teste das nossas propostas. A relação com os informantes privilegiados, nomeadamente com a Associação Renovar a Mouraria e com a Junta de Freguesia de Santa Maria Maior mantiveram-se ao longo de todo o trabalho e ultrapassou em muito as entrevistas aprofundadas (gravadas e integralmente transcritas), tendo inclusivamente se materializado numa visita guiada de várias horas ao bairro, que constituiu um poderoso instrumento de conhecimento da Mouraria, da sua história, dos processos de transformação e gentrificação, do multiculturalismo, dos projetos presentes e futuros.

A observação participante e sistemática permitiu-nos criar grelhas de observação e confrontar o levantamento e análise documental dos recursos, com o estado de conservação dos mesmos e avaliar as suas potencialidades no contexto da proposta de itinerários de turismo solidário na Mouraria. No contexto do património imaterial e da multiculturalidade do bairro, a observação participante constituiu uma técnica central na recolha de informação.

As entrevistas aprofundadas foram objeto de um processo de categorização horizontal e vertical, onde a análise de conteúdo, seguiu no contexto da análise categorial, as propostas de Bardin (1995).

Tratando-se de um estudo de caso de um bairro, Sociedade de Bairro de António Firmino da Costa (1999) sobre Alfama, constituiu um instrumento precioso sobre o papel da pesquisa de terreno e da observação participante nestes contextos.

Capítulo III – Metodologias de Construção de Itinerários Turísticos

1. Conceitos

1.1. Desenvolvimento Comunitário

O Desenvolvimento Comunitário remete-nos, em primeiro lugar, para os conceitos de desenvolvimento e de comunidade

O modelo de desenvolvimento em vigor, à escala global, desde 1992, é o modelo de desenvolvimento sustentável. Ratificado pela esmagadora maioria dos países no Rio de Janeiro em 1992, na primeira grande conferência mundial à escala global, subordinado ao tema Agenda 21, inaugurou um modelo de desenvolvimento mundial, onde a interdependência entre os países é a grande “pedra de toque”, ou não fossem as questões ambientais impossíveis de resolver à escala do Estado Nação. A Conferência do Rio adota o modelo de desenvolvimento sustentável de Brundtland, que assenta na sustentabilidade económica, social e ambiental, articulando as dimensões espaço e tempo. Ou seja, quando falamos de desenvolvimento sustentável, estamos perante um modelo que assenta na criação de riqueza (sustentabilidade económica), distribuição de riqueza (sustentabilidade social) e na preservação dos recursos (sustentabilidade ecológica) à escala global e tendo presente a necessidade de as gerações futuras se desenvolverem, logo mantendo o *stock* de recursos que o permita.

Nos últimos anos têm-se distinguido cada vez mais os modos/meios de desenvolvimento. Este está cada vez mais ligado aos recursos locais e às comunidades, ponto que nos leva até ao Desenvolvimento Comunitário.

Uma comunidade é, por regra, constituída por um grupo de pessoas que podem ser familiares, amigos, vizinhos; que vivem no mesmo local (bairro, vila, cidade...) e que de alguma forma terão entre si alguma afinidade. Assim, o conceito de comunidade pressupõe que exista um sentimento de união, influência, integração, partilha. “Uma fé partilhada de que as necessidades dos membros serão satisfeitas através do compromisso de permanecerem juntos” McMillan & Chavis (1986).

Já Singer (2000) defende a abordagem de comunidade global, por vivermos todos num mesmo mundo, partilhando recursos desterritorializados e onde as questões ambientais não conhecem fronteiras. Podemos então afirmar que uma comunidade é um

espaço comum a um conjunto de pessoas que nele partilham princípios e objetivos comuns.

Assim, ao definir Desenvolvimento Comunitário, conseguimos perceber que este deverá beneficiar em alguma forma uma comunidade, esperando-se com isto uma situação de progresso económico, social, cultural ou político. Enquanto por um lado temos, regra geral, a vertente económica a ressaltar quando falamos em desenvolvimento, por outro temos a vertente social e cultural a ganhar ênfase quando se fala em desenvolvimento comunitário. Isto porque, no Desenvolvimento Comunitário a comunidade local ganha protagonismo e, associada à economia e política, visa melhorar as condições de vida da mesma.

Roque Amaro (2009), por forma a ajudar a entender o conceito juntou alguns elementos que, em conjunto o definem, como: a promoção da participação da população; o trabalho em rede e relações de parceria; a mobilização das capacidades locais; a utilização fertilizadora de recursos exógenos; o centralismo num território com características como identidade, solidariedade e autonomia; a satisfação de necessidades; uma visão integrada articulada numa abordagem multidisciplinar; um impacto tendencial gerador de replicação de boas práticas e uma diversidade de caminhos, processos e resultados.

Em suma e após a introdução ao conceito, o autor indica-nos ainda três ideias que considera estarem na base do Desenvolvimento Comunitário: a realização do diagnóstico das necessidades ser realizado através da participação da população; a mobilização de capacidades da própria comunidade para iniciar a resposta às necessidades identificadas; e uma abordagem integrada dos problemas e soluções, ligando vários conhecimentos e setores de intervenção.

1.2. Economia Solidária

Quando se fala em Economia Solidária, conforme explica Marques (2009), é importante referir que esta é herdeira de vários contextos socioeconómicos e que tem também diversas terminologias, em diferentes partes do mundo: “Terceiro Sector nos países anglo-saxónicos, Economia Social e Solidária na tradição francófona, Economia

Popular na América Latina, Economia Alternativa na Alemanha e Bélgica, *Privato Sociale* e *Economia Civile* em Itália (...).”. No fundo, e no conjunto de todas as designações, trata-se de uma Economia com princípio em iniciativas oriundas da sociedade civil e de meios populares.

O termo e o movimento emergente de Economia Solidária, empregue na segunda metade do séc. XX, surge em contraste com o individualismo que caracteriza o comportamento económico (Laville e Gaiger. 2009) e com o conceito de economia social das sociedades industriais. Surge relacionada com a ideia de solidariedade e com novas questões sociais provenientes da crise social e económica deste período em que se agravaram situações sociais como a pobreza e a exclusão social. Erguem-se assim novas formas de solidariedade relacionadas não só diretamente com a vertente social mas também com o ambiente, a cultura, a educação, a cidadania, etc.

Laville et all (2000) refere ainda um fenómeno de hibridação de economias uma vez que a Economia Solidária combina diversas fontes de recursos como: recursos mercantis - mercado; recursos não-mercantis - redistribuição; recursos não-monetários - reciprocidade.

Em suma, podemos concluir que, se antes tínhamos a economia social a colocar a vertente económica em posição única para o bem-estar social, posteriormente, passámos a ter a economia solidária a colocar, ao lado da vertente económica, a vertente solidária com domínios como a saúde, a educação e a preservação social. Isto é, não estando contra o mercado, ela coloca-se em inserção com outros princípios.

Com o surgimento deste conceito, passámos a ter novas visões e ideias sobre o mundo e, consequentemente, pelas indústrias, como é o caso da indústria turística sobre a qual este novo olhar deu origem a novas formas, novas vontades, novos princípios e objetivos. O Turismo teve assim uma “reestruturação” como já abordámos no ponto sobre as Novas Formas de Turismo.

1.3. Turismo Social

No turismo os impactos sociais são geralmente medidos pelos efeitos que têm sobre a população residente de um destino turístico, estes que resultam direta ou indiretamente da interação do turismo e dos turistas com a comunidade local. (Lima,

Eusébio e Varum, 2010). Desta forma, o Turismo Social deverá ter impacto benéfico para as comunidades quer em contextos socioculturais, como na salvaguarda e valorização de património e na dinamização das tradições e da identidade local.

Quando falamos no princípio do Turismo Social, encontramos várias datas e referências. No entanto, poderemos considerar, à semelhança do que outros atores fizeram, que o nascimento do Turismo Social poderá coincidir com a criação da Caixa de Viagens e Férias na Suíça, como é defendido por algumas referências da área. A Caixa de Viagens e Férias permitiu que operários que até então não conseguiam usufruir de férias e atividades turísticas, passassem a ter esse acesso, ao mesmo tempo que favorecia uma maior ocupação das estruturas turísticas através do incentivo à utilização das mesmas durante os períodos de época baixa, conforme explica Tonini (2007).

Neste seguimento e, considerando a identidade e os conteúdos mais relevantes do que propriamente a data em que nasceu, este autor partilha a opinião de Giancarlo Dall'Ara para a definição de Turismo Social e transcreve: “uma definição de turismo social, para ser exaustiva, deve fundamentar-se em três componentes básicas: - os indivíduos que o praticam, pessoas que por motivos diversos, físicos, culturais, políticos, mas também religiosos, não têm garantido o direito inalienável às férias; - os indivíduos que o organizam e que não devem ter fins lucrativos, ou que, pelo menos, devem impor-se como meta explícita a acessibilidade económica do maior número de pessoas à prática turística; - um conteúdo – educativo, experiencial, relacional, solidário, social – que o caracterize fortemente.”.

Com isto, poderemos chegar à conclusão de que, resumidamente, o Turismo Social trata essencialmente de permitir que o usufruto das férias e lazer seja um direito de todos os trabalhadores e não apenas das classes que tem à partida essa possibilidade por questões de poder económico e de consumo.

Uma outra conclusão encontrada sobre o Turismo Social é de que este pode contribuir para alterações no fenómeno da exclusão social, bem como, para o desenvolvimento local e comunitário (Lima, Eusébio e Varum, 2010).

“Portanto, o Turismo Social visa promover o acesso ao turismo a todos os grupos populacionais, dando especial atenção a segmentos desfavorecidos, e referindo-se nomeadamente a medidas aplicadas pelos governos para encorajar as férias – um direito fundamental dos trabalhadores na maioria dos países. O seu objetivo é favorecer o acesso ao turismo para o máximo de pessoas, o que, segundo Poos (2006), tenderá a evoluir em direção a formas de Turismo Solidário.” (Marques, 2009).

1.4. Turismo Voluntário

O Turismo Voluntário, ou Volunturismo, é uma forma de turismo que tem vindo a crescer exponencialmente (Coghlan, 2015) nas últimas duas décadas, e que tem hoje uma forte penetração na indústria turística com múltiplas ofertas de pacotes turísticos para as zonas mais desfavorecidas do globo e também em crescimento no contexto do mundo Ocidental. Se o voluntariado era exclusivo das ONG'S, a situação alterou-se fortemente no final do século passado e actualmente o turismo voluntário representa um dos sectores de grande inovação e crescimento no contexto do turismo. E também de múltiplas discussões éticas.

Seguindo o princípio do conceito de turista, o turista voluntário define-se como sendo aquele que, por um período inferior a um ano, viaja e alia o turismo ao trabalho voluntário, podendo assim participar e ajudar a comunidade local voluntariamente através do seu trabalho e, ao mesmo tempo usufruir do que o destino turístico tem para oferecer.

Nas incompatibilidades existentes sobre este “novo” conceito, encontramos a referência de Simões e Ferreira (2009), os quais referem a prevalência de um “preconceito latente que dá expressão a um certo antagonismo entre voluntários e volunturistas, pelo qual os primeiros não gostam de ser considerados turistas, pois entendem ter um maior envolvimento cultural e ambiental com os locais/comunidades de destinos, contraposto a uma certa frivolidade que habitualmente é imputada aos turistas.”

Como afirma Mendes (2011), podemos concordar que, “o princípio que dá existência ao voluntariado é o mesmo que deu origem ao turismo, pois ambos representam a ocupação dos tempos livres.”

Numa abordagem de equiparação dos conceitos de Turismo Solidário e Voluntário, Marques (2009) refere-se ao Solidário como sendo um turismo associado ao campo da cooperação internacional, o qual entende o turista como “cooperante”, o que leva a que outros autores prefiram designar esta vertente de Turismo Voluntário (Raymond e Hall, 2008), justificando-o como uma combinação de turismo com trabalho voluntário.

Poderemos considerar assim que de uma forma mais simples, de princípios base, estes dois conceitos se aproximam e podem ser considerados equivalentes, no entanto, é perceptível também que abordagens mais aprofundadas os diferenciem.

1.5. Turismo Solidário

O Turismo Solidário tem-se vindo a constituir como uma importante experiência turística, sobretudo no contexto do Turismo Voluntário, embora existam múltiplas formas tanto de Turismo Voluntário como Solidário, bem como, abordagens distintas que diferenciam ou não estes dois conceitos.

No que diz respeito a estudos, abordagens e opiniões, no seu contexto geral, o turismo tem sido tanto enaltecido como criticado ao longo da sua história e, se por um lado é considerada “uma das principais atividades económicas do mundo, com efeitos positivos a diferentes níveis”, usado como forma de desenvolvimento económico, local e comunitário, por outro, estes efeitos por norma “beneficiam apenas uma minoria da população e as externalidades negativas que acompanham as formas dominantes de turismo (turismo de massa, capitalista, industrial) são consideráveis”, conforme afirma Marques (2009). Com isto, dita-se a importância dos novos tipo de turismo, com ênfase para o Turismo Solidário, uma vez que este, como a autora refere, insere-se numa lógica de desenvolvimento dos territórios e tem as pessoas e as relações humanas como o centro da viagem.

Quanto ao conceito e à descrição de Turismo Solidário, temos abordagens como as bases descritas pela *Union Nationale de Associations de Tourisme* (UNAT) em 2002 para este tipo de turismo: “o envolvimento das populações locais nas diferentes fases do projeto turístico; o respeito pela pessoa, pelas culturas e pela natureza; e uma distribuição mais justa dos recursos gerados.”; ou, a referência de Caire (2005) de que o turismo solidário é, em oposição ao turismo de massas, um micro turismo praticado essencialmente em destinos que não teriam precedentes turísticos e que se rege pela regra dos “3P’s”: “Poucos visitantes (grupos constituídos por 5 a 12 de pessoas); Pouco tempo (em geral a estadia não ultrapassa os 10 dias); Poucos meses (o acolhimento é voluntariamente sazonal, fora dos períodos de trabalhos agrícolas).”.

Conforme já abordámos, a semelhança entre os conceitos nesta área do turismo alternativo leva a que existam várias designações onde algumas abordagens defendem

as diferenças entre elas e, outras a sua igualdade ou proximidade de conceito. Além do turismo solidário ou voluntário, podemos ouvir falar, por exemplo, de turismo comunitário ou responsável. Desta forma, consideramos que o principal fator comum entre estas formas de turismo encontra-se essencialmente no princípio da solidariedade, nas suas múltiplas expressões, a solidariedade no ponto de vista do viajante procurar que participar no desenvolvimento das comunidades que visita, quer seja em colaboração direta ou indireta (Marques, 2009).

Como nos explicou Rita Marques, fundadora da primeira agência de turismo solidário em Portugal, Impactrip, o conceito do turismo solidário é:

“combinar o Turismo com o Voluntariado numa experiência turística que realmente pretende ser inesquecível, marcante para a pessoa, onde os viajantes podem, para além de viajar, descobrir o sítio onde estão, também dar o seu contributo através do voluntariado em projetos sociais locais.”

Na linha da Impactrip, como referencia a *blogger* Cris Marques, 2013, “a principal característica do Turismo Solidário é despertar o sentimento humanista ao viajar”.

Em suma, com tudo o que abordámos nestes dois primeiros capítulos, poderemos afirmar que, perante a pluralidade e subjetividade da experiência turística nos dias de hoje, ser possível que se crie riqueza e desenvolvimento, se promova a cidadania e possibilite novas visões do mundo e de diferentes modos de vida (rotassolidárias.org), gera o interesse em desenvolver Itinerários de Turismo Solidário para um bairro com características como o da Mouraria, em Lisboa, como em seguida iremos abordar.

2. Circuitos, Itinerários e Rotas

Vivemos atualmente perante uma experiência turística cada vez mais sofisticada quer em contextos de produção e comercialização, estes que estão claramente internacionalizados e profissionalizados (Joaquim e Moreira, 2006), quer em termos de procura e perfil do turista que está mais exigente na resposta às suas, cada vez mais, necessidades e expectativas de autenticidade nas suas experiências.

Perante as mudanças e as novas tendências no turismo das últimas décadas, tornou-se importante estudar, desenvolver e investir em novos métodos e novos

modelos de produtos e ofertas turísticas. Neste sentido, surgem novos olhares e perspectivas sobre a dimensão local e regional, bem como um despertar para a organização de atividades sustentáveis e que deem visibilidade às tradições e memória coletiva dos destinos. Desta “nova” visão despertam então os Circuitos, Itinerários e Rotas turísticas como forma de resposta às novas necessidades da procura que poderão ser, como temos vindo a referir: o único, a autenticidade, a valorização de tradições, da população, das culturas, do património, etc.

Como iremos ver em seguida com a abordagem dos três conceitos que aqui referimos, é, para elaboração e desenvolvimento de qualquer um deles, absolutamente necessário conhecer a fundo a região onde o mesmo se irá aplicar, sendo imprescindível a execução de fases como: visitas exploratórias/trabalho de campo; consulta bibliográfica relevante; levantamento e inventário de recursos existentes; caracterização e definição de potencialidades.

No trabalho desenvolvido por Joaquim e Moreira (2006) sobre Itinerários Turísticos, são apresentadas estas fases sobre as quais realçamos alguns pontos considerados fulcrais:

- . Visitas exploratórias - passear sem destino pela região em estudo; Sentir o ambiente e provar a gastronomia local. Repetir estes exercícios e assim, começar a conhecer os locais e os observadores privilegiados.
- . Consulta bibliográfica e outras fontes – fazer exploração bibliográfica, seja específica e técnica ou documental; ter um acervo de mapas sobre a região e fontes de informação oral; recorrer a fontes orais para conhecimento das vivências da região e dos espaços de valor simbólico.
- . Levantamento e inventário de recursos – levantamento no terreno e inventariação do património histórico, cultural e natural relevante na envolvente da temática em causa.
- . Caracterização e definição das potencialidades – conhecer as tendências do lazer e do turismo, tanto internas quanto externas e ter um conhecimento profundo da região, que permita a definição das suas potencialidades genuínas.

2.1. Itinerários

“Segundo Gomez e Quijano (1991), por itinerário deve-se entender a descrição de um caminho ou rota que especifica os lugares por onde este passa e vai propondo uma série de atividades e serviços no decurso do passeio.” (Ferreira, Aguiar e Pinto, 2012).

Para Figueira (2013), um Itinerário pode ser uma componente de uma Rota ou, pode ser utilizado autonomamente como elemento de uma visita realizada entre Circuitos. Ou seja, o autor considera um Itinerário como um elemento agregador de Circuitos entre si e, uma visita mais ligeira, no sentido de ter um percurso menor, perante uma Rota, mantendo a temática da mesma em que se integra.

Joaquim e Moreira (2006) consideram um Itinerário Turístico, em síntese, uma proposta de organização da oferta turística existente. As autoras consideraram três tipos de itinerários, que aqui representamos:

Itinerários Integrados:

- . Constituídos por vários componentes de património natural, histórico-cultural e artístico móvel;
- . Podem ser mais especializados ou mais generalistas;
- . Tem duração diferenciada, entre um a três ou mais dias;
- . Obedecem a um critério geográfico (linear ou circular), integrando as diferentes componentes a partir das quais se estrutura o trajeto;
- . Normalmente incluem várias opções de alojamento e restauração e podem ter vários meios de deslocação.

Itinerários Temáticos:

- . Centrados numa das componentes do património da região;
- . Podem ter durações diferenciadas, podendo ser de muito curta duração, inserindo-se na categoria de visitação;
- . Podem incluir diferentes combinações de alojamento, restauração e meio de transporte, podendo articular territórios diferentes dentro do tema e da região;
- . Obedecem a um tema aglutinador;
- . Os critérios geográficos não são necessariamente lineares;

Itinerários Específicos:

- . São claramente especializados num aspeto particular da região;
- . De curta duração;

. Podem funcionar autonomamente ou como componente de um itinerário integrado ou de um itinerário temático.

Conforme demonstrados pelas autoras, a organização de itinerários permite diversas combinações as quais funcionarão simultaneamente para visitantes ou turistas com diferentes interesses e duração de visita ou estadia.

Após a definição de itinerários e suas tipologias, é igualmente importante conhecer os passos fundamentais para a construção de itinerários completos e exequíveis, de acordo com a metodologia que foi avançada no início deste ponto.

“Só é possível definir itinerários exequíveis e que espelhem o sentido identitário da região, fazendo um trabalho de campo aprofundado de conhecimento da região.” Joaquim e Moreira (2016).

2.2. Circuitos

O Turismo de Portugal (2008), no seu índice de conceitos estatísticos, define circuito turístico como uma viagem organizada, sobre a qual a organização é da responsabilidade das agências de viagens que os programam e que devem incluir meio de transporte, visitas acompanhadas a museus, monumentos e locais de interesse turístico, entre outros. Acrescenta ainda que o circuito deve ser de duração limitada, com horários, preços, frequências e percursos pré-fixados e autorizados.

Segundo Figueira (2013), um Circuito é decisivo no contexto organizativo de uma Rota, uma vez que, a qualidade de uma Rota mede-se pelo impacto positivo de cada um dos seus pontos de paragem, onde se encontra organizado o Circuito local.

Este autor define um Circuito como sendo uma viagem combinada num determinado percurso que pode, em conjunto com outros Circuitos, originar um Itinerário e onde os operadores prestam vários serviços, o que faz dele um “pacote turístico”. Diz também ser uma programação de percurso em segmentos temáticos que se ligam, desenhado de modo a que o ponto de partida possa ser coincidente com o ponto de chegada e que pode ser percorrido a pé ou usando diversos tipos de transporte. O autor acrescenta ainda que um circuito deve ser uma viagem organizada de curta, média ou longa

duração que contempla informação aos consumidores sobre o ponto de partida, horários, atividades e ponto de saída.

Já Godinho (2012), citando Picazo, apresenta Circuito com a definição de uma viagem combinada em que intervêm vários serviços (transportes, alojamento, guia), de acordo com um itinerário programado e circular em que, sempre que seja possível, o ponto de partida e de chegada coincidem, com vista a passar num caminho anteriormente percorrido.

2.3. Rota

Entre Rota e Itinerário, encontram-se diversas afirmações, das quais são várias as que referem que estes são sinónimos um do outro. Segundo Godinho (2012), citando Briendenham e Wickens, uma “rota consiste numa organização de um conjunto de atividades e atrações que incentivam a cooperação entre diferentes áreas e que servem de veículo para estimular o desenvolvimento económico precisamente através da atividade turística”.

No entanto, estando perante dois conceitos considerados o mesmo ou muito semelhantes, salientamos a descrição de Rodrigues que aponta o sentido e o ponto em que Rota e Itinerário se podem diferenciar. Este diz que a Rota é sinónimo de Itinerário uma vez que a saída e a chegada do percurso não coincidem, isto é, em critério geográfico. Por outro lado, diferencia o conceito de Rota como sendo usado preferencialmente em termos institucionais e promocionais. (cita in Godinho 2012).

Outra característica que os diferencia é o facto de uma Rota ser um percurso temático e o Itinerário não ter que o ser.

Capítulo IV - O Bairro da Mouraria

1. Caracterização do Bairro da Mouraria

A História

O Bairro da Mouraria pertence ao conjunto de bairros históricos que dão particularidade a Lisboa e que fazem dela uma cidade cada vez mais procurada turisticamente por visitantes vindos de todo o mundo. É considerado em documentos de organismos e serviços estatais como uma “marca” que torna o bairro e a cidade mais competitivo no mercado internacional do turismo (Mendes, 2012).

Da história do bairro conhece-se que tem na sua origem influências mouras do século XII, pois foi o bairro que D. Afonso Henriques, após ter conquistado Lisboa em 1147, definiu para a população muçulmana, assim como, após a invasão moura à Península, foi na Mouraria que estes se instalaram. Com o terramoto de 1755, que destruiu a cidade de Lisboa, ficaram na Mouraria alguns vestígios destes tempos e das suas influências.

Já no século XIX, foi aqui que nasceu o Fado, o qual, manifestando-se de forma espontânea, se foi tornando popular apesar de numa primeira fase encontrar-se vinculada a ligação a contextos sociais relacionados com a marginalidade e transgressão que resultaram na rejeição por parte da elite intelectual portuguesa (Pereira, 2008).

Apesar de não existir um consenso claro entre historiadores sobre a origem exata do Fado, muitos defendem que foi na Mouraria, pelas mãos de Maria Severa Onofriana, que o estilo musical teve o seu impulso definitivo, assim como, muitos outros nomes deram continuidade a este legado, como Fernando Maurício nascido e criado no Bairro, ou a fadista da atualidade Mariza, que cresceu na Mouraria. Assim, a Mouraria tornou-se num bairro de fadistas e é por isso atualmente considerado o berço do Fado.

Já nos anos 40 do séc. XX, em pleno Estado Novo, o bairro da Mouraria passou a ser considerado um bairro doentio, pobre e desordeiro, frequentado por fadistas e prostitutas (Leal, 2014), o que fez com que fosse mandado destruir no intuito de se erguer um “novo bairro”, diferente daquilo que era considerada a Mouraria à época. No entanto, esta recuperação do bairro deu-se essencialmente, e apenas, a partir dos anos 90 quando o bairro começou a receber migrantes, grande parte deles ligados ao comércio, que chegavam de todo o mundo e que fazem hoje da Mouraria o bairro mais multicultural de Lisboa.

Contudo, nem só o Fado e a Multiculturalidade são características históricas presentes no bairro. Como pudemos constatar através das origens do bairro no séc. XII, e apesar da reconstrução do bairro no séc. XX, património histórico, desde igrejas barrocas, palácios majestosos, azulejaria e casarios, são vestígios de outras épocas ainda existentes na Mouraria de hoje.

A Mouraria atual

Se por um lado a Mouraria é um bairro cheio de história e património, com uma variedade de estórias, culturas e vivências, por outro, é também um bairro com um peso em termos de imagem e reputação no que toca a segurança e sobriedade.

Talvez por ter sido desde cedo “um bairro esquecido e estigmatizado”, como diz Nuno Franco - o mediador comunitário do bairro, e também pela sua localização, numa zona baixa da cidade, mais fria e sem sol durante grande parte do dia, este tornou-se um bairro de ruas obscuras, atividades clandestinas e vida boémia. Um bairro caracterizado pela degradação arquitetónica, pobreza e exclusão social, prostituição, tráfico de drogas e toxicodependência. Fatores estes que contribuíram para o estigma de insegurança de que falamos.

Como já referimos, principalmente a partir da última década do séc. XX e até hoje, a Mouraria tem acolhido centenas ou milhares de imigrantes de todos os continentes. Estes foram chegando ao bairro e construindo os seus negócios, as suas vidas. Tornaram assim um dos bairros mais antigos da cidade de Lisboa no mais multicultural. Aqui, nacionalidades de todo o mundo cruzam-se diariamente nas suas rotinas e, consoante os casos e as culturas, convivem e partilham, ou não, entre elas.

Segundo Filipa Bolotinha - responsável pelo programa das visitas guiadas da Associação Renovar a Mouraria, cerca de 25% da população da Mouraria é migrante, podendo-se dividir em três grandes grupos onde se destacam primeiro a população de origem Asiática (China, Índia, Bangladesh, Paquistão, etc.), seguindo-se da Africana (Angola, Moçambique, Congo, etc.) e ainda, Sul-Americanos (Brasil, etc.) e Europeus de Leste (Roménia, Ucrânia, etc.). Já por palavras de Nuno Franco, agentes locais da área da intervenção social estimam que exista, hoje em dia, cerca de 51 nacionalidades diferentes por entre a população do bairro.

Numa perspetiva teórica Mendes e Padilha (2013) consideram que a “diversidade étnico-cultural” que se verifica em casos como este podem ter impactos significativamente positivos nas cidades, no entanto, pode também significar uma

ameaça à “coesão social e territorial” em determinadas zonas. Ainda assim, a “coexistência multiétnica” quando se verifica pode ser capitalizada em campanhas de marketing e associada à existência de um estilo de vida cosmopolita para, assim divulgar e promover produtos e serviços alternativos e “dotados de uma certa autenticidade”.

Também o mediador comunitário do bairro nos partilhou a sua opinião quanto à presença das variadas nacionalidades no bairro. Como é natural, todas estas nacionalidades, de certa forma também vivem de “costas voltadas”, cada um tem a sua vida, a sua religião e cultura, o seu trabalho, cada um “faz a sua vida e olha aos seus interesses”. Por outro lado existe a visão dos portugueses, dos moradores mais antigos e originários do bairro, que por vezes são um pouco mais reacionárias ou xenófobas mas, na generalidade, esta multiculturalidade já é encarada com naturalidade e todos gostam da vida no bairro. “Não há conflitos. (...) Cada um faz a sua vida, não há grandes confusões”, afirmou o mediador do bairro.

Nos últimos anos, aproximadamente a partir de 2008, a Mouraria tem sofrido várias intervenções por parte da Câmara Municipal de Lisboa que, na altura a cargo de António Costa, criou um plano para resgatar o bairro e despojá-lo da imagem negativa que se assumiu nas últimas décadas (Del Cerro, 2012). E, em parceria com agentes sociais locais, a Câmara Municipal de Lisboa candidatou a Mouraria a um Plano QREN, que acabou por ganhar.

“Porque ninguém entrava na Mouraria em 2008 sozinho”, partilha Filipa Bolotinha.

Este despertar da Câmara para o bairro foi de alguma forma motivado por um grupo de residentes ativos na preocupação e intervenção para o melhoramento do bairro, como nos contou Nuno Franco e como se pode ler em diversas entrevistas e publicações que se encontram nos dias de hoje sobre o bairro da Mouraria. Com isto deu-se o início de mais uma fase para a história deste bairro lisboeta e, tem-se vindo a conseguir, passo a passo e conquista a conquista, através do trabalho conjunto de moradores, entidades locais e autárquicas, começar a fugir à imagem marginalizada e ao estigma de exclusão e tem-se criado uma “nova vida” tanto para as ruas da Mouraria e para os seus residentes como para os seus visitantes, sejam eles lisboetas, portugueses ou estrangeiros.

Além das consequências diretas para o bairro vindas desta nova imagem que se tem conseguido construir, acaba por ser também uma vantagem para todo o centro histórico de Lisboa, uma vez que, o bairro da Mouraria está inserido no coração de Lisboa e rodeado pelos mais característicos e populares bairros da capital portuguesa, como: Alfama; Graça; Castelo; Chiado; Bairro Alto.

O projeto que foi construído para a Mouraria, inspirado em planos aplicados em outras grandes capitais do mundo, teve e tem por objetivo a atração de jovens e novas famílias para o bairro que é habitado maioritariamente por idosos e imigrantes, bem como, o apoio a projetos empreendedores e ao comércio local e uma programação lúdica-cultural. Dentro destes objetivos encontravam-se previstos: a criação de bolsas de aluguer para jovens; a inauguração de um grande centro de saúde; uma creche; melhoras do aspeto urbano; um centro de inovação; eventos, espetáculos e atividades culturais e turísticas; entre outros. Alguns já foram aplicados, outros, continuam em desenvolvimento. Facto interessante e relevante da importância da intervenção nesta área da cidade é que, como forma de apoio a este plano de intervenção no bairro da Mouraria e de transmitir aos residentes e aos visitantes, uma nova segurança no bairro e na sua envolvente (Martim Moniz, Intendente), António Costa, presidente da Câmara de Lisboa na altura, transferiu o seu escritório para esta zona, mais precisamente, para o Largo do Intendente.

Quando questionada sobre o envolvimento da comunidade local e as várias culturas existentes e a aceitabilidade às intervenções recentes no bairro, Filipa Bolotinha respondeu-nos, sem dúvida, que é possível e que o bairro sofreu um processo de renovação brutal, algo inovador em Portugal o que tem ajudado a melhorias claras no bairro e na vida das pessoas, apesar de ser necessário o cuidado de usar e adequar estratégias às diferentes comunidades existentes.

“Muitos projetos conseguiram desenvolver-se e essas atividades fizeram muita diferença, não só na receção das mudanças por parte das pessoas, como também na vida delas.”, Associação Renovar a Mouraria.

1.1. Dados demográficos

Segundo dados dos Censos 2011, a Mouraria tinha, à altura, um total populacional de 5.824 habitantes, o que representava pouco mais de 1% face ao total de 564.657 habitantes de toda a cidade de Lisboa. Quanto à evolução populacional, em 2011 os Censos apontam para uma evolução populacional de 3% (ilustração 3).

Figura 3 - População por freguesias

Também com base nos Censos 2011, mas já com os

	Total População (2011)	Evolução População (1981-2011) (2001-2011)	Total Famílias	Índice de envelhecimento (pop >65 / pop <15)	População com o 1.º Ciclo do Básico	Alojamentos sem instalação de banho ou duche	Nº Total de Prestações Sociais¹ (2009)
Lisboa	564.657	-33% -3,4%	243.975	172	106.411 (19%)	2.314	57.449 (10%)
Quarteirões² Freguesia Anjos	501	-46% 0,3%	267*	239*	43* (9%)	27*	67* (13%)
Quarteirões Freguesia Graça	497	-53% -22,3	251*	271*	130* (26%)	5*	53* (11%)
Quarteirões Freguesia Santa Justa	340	-58% 34,1%	142*	196*	71* (21%)	5*	82* (24%)
Freguesia S. Cristóvão / S. Lourenço	1.333	-59% -17,3%	682	336	380 (28%)	43	211 (13%)
Freguesia Socorro	3.153	-50% 17,9%	1.502	196	820 (27%)	60	612 (23%)
Mouraria	5.824	-53%* +3%*	2.844*	237*	1.444* (25%)	140*	1.025* (17%)

Nota (1): Total de prestações sociais = beneficiários do Rendimento Social de Inserção + Complemento Solidário de Idosos + Subsídio de Desemprego

Nota (2): A Mouraria é composta pelas freguesias do Socorro e de S. Cristóvão e S. Lourenço, e por quarteirões das freguesias dos Anjos, Graça e Santa Justa

Nota (*): Estimativa para os quarteirões das freguesias dos Anjos, Graça e Santa Justa

Fonte: Censos/INE e Observatório Luta Contra a Pobreza Cidade de Lisboa

Fonte: Programa Desenvolvimento Comunitário Mouraria, proposta final, 2012 ¹

dados ajustados à nova redistribuição de freguesias, num documento da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior em que foi feita uma análise social da freguesia em 2015, residiam na “nova” freguesia 12.961 pessoas, sendo a terceira freguesia menos populosa de Lisboa e este um território fortemente densificado.

¹ Nota: Este estudo foi realizado antes da Reorganização Administrativa do Território das Freguesias pelo que, a Freguesia dos Anjos é atualmente pertencente à Freguesia de Arroios, e as restantes Freguesias da Graça; Santa Justa; S. Cristóvão e S. Lourenço; e Socorro, pertencem à Freguesia de Santa Maria Maior.

No quadro abaixo encontramos o levantamento de edifícios e de população residente na freguesia de acordo com cada um dos bairros que a constituem (Alfama, Baixa, Castelo, Chiado e Mouraria) e também face aos números da cidade de Lisboa. Como é possível verificar, é em Alfama e na Mouraria que se concentra a maioria dos edifícios, o que corresponde igualmente aos valores da população residente (4406, pop. residente na Mouraria).

Figura 4 - Freguesia Santa Maria Maior - número de edifícios e população residente

Zona Geográfica	Edifícios Clássicos		População Residente	
	N	%	N	%
Alfama	817	33,7%	3952	30,5%
Baixa	506	20,9%	2515	19,4%
Castelo	215	8,9%	974	7,5%
Chiado	198	8,2%	1114	8,6%
Mouraria	690	28,4%	4406	34,0%
Freguesia Santa Maria Maior	2426	4,6*	12961	2,4*
Lisboa	52496	100	547733	100

* - percentagem relativa a Lisboa

Fonte: Junta de Freguesia de Santa Maria Maior (2015), adaptado de INE, Censos 2011

No contexto do aumento populacional que se tem registado na Mouraria nos últimos anos e o qual já referimos, há também referências por parte de quem vive e trabalha no bairro ou com o bairro de que esta evolução tem continuado a fazer-se notar, bem como, sobre a população jovem que tem escolhido o bairro para viver, motivados pela centralidade do bairro, pelas rendas acessíveis e pela quebra do paradigma da “Mouraria perigosa”. Contudo, dada a procura dos últimos anos, é possível constatar já um aumento da procura e uma diminuição da disponibilidade de imóveis (2016).

Como afirmou um dos entrevistados, residente no bairro, além dos habitantes contabilizados do bairro, existem mais uns milhares de imigrantes que não se conseguem contabilizar exatamente pois, muitos não estão registados. Fala por isso de uma população provável de cerca 10 mil pessoas.

Com base nos Censos 2011 e, conforme demonstrado no diagnóstico da freguesia de Santa Maria Maior, depois da Baixa (20,6%), é na Mouraria (8.9%) que se regista a maior percentagem de edifícios muito degradados dentro da freguesia. Esta constatação sobre o bairro da Mouraria pôde-se confirmar pela nossa observação no espaço, através da qual pudemos verificar que o bairro tem uma população envelhecida assim como ele

próprio, apesar de se começar a ver alguns restauros e/ou reabilitações, é um bairro envelhecido em termos de infraestruturas.

Uma outra característica que nos permite perceber a demografia do bairro é a acessibilidade às infraestruturas existentes. De acordo com os dados dos Censos 2011 representados pelo diagnóstico da freguesia, seja qual for a dificuldade da população idade superior a 15 anos, a maioria dos edifícios da freguesia não possuem elevador nem acessibilidade para cadeiras de rodas (fatores principais para a avaliação da acessibilidade), conforme quadro abaixo.

Figura 5 - Acessibilidade para pessoas com mobilidade reduzida aos edifícios de alojamento

	Entrada acessível a cadeiras de rodas			Entrada não acessível a cadeiras de rodas		
	Total	C/ elevador	S/ elevador	Total	C/ elevador	S/ elevador
Freguesia Santa Maria Maior (%)	11,1	36,7	63,3	88,9	6,1	93,9

Mouraria - acessibilidade ao edifício (%)	Geral	Alojamento
	13,6	5,5

Fonte: Junta de Freguesia de Santa Maria Maior (2015), adaptado de INE, Censos 2011

Neste sentido da acessibilidade é importante salientar que em muitos casos, ainda que seja possível a acessibilidade ao interior de um edifício por pessoas com mobilidade reduzida, nem sempre existe depois o mesmo critério para o acesso aos alojamentos, como demonstra o quadro a cima.

Num retrato dos bairros da freguesia apresentado no Diagnóstico Social da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior (anexo A1), são apresentados dados que nos indicam que no perfil da população e das famílias da Mouraria, a maioria desta tem entre 25 a 64 anos (57,6%) e a minoria está na população jovem com menos de 25 anos (19,3%); a média de habitantes por casa é de cerca de 2 pessoas e, 17,5% é a percentagem de idosos isolados residentes no bairro; quanto à população estrangeira do bairro os dados demonstram que esta se traduz em 23.4% da população do bairro. Na vertente da escolaridade e empregabilidade, a Mouraria é o bairro da Junta de freguesia

com maior percentagem de população sem escolaridade (18.8%), taxa de analfabetização (5.65%) e taxa de desemprego (17.3%). Por outro lado, os dados apresentados também apontam para que a Mouraria seja um dos bairros mais rejuvenescidos da freguesia.

1.2. Dados geográficos

O Bairro da Mouraria era o coração da antiga Freguesia de Socorro, pertencendo também, em menor dimensão, à freguesia de São Cristóvão e São Lourenço. Hoje, com a nova Lei da Reorganização Administrativa do Território das Freguesias, aprovada em 2013 (Lei n.º 11-A/2013, de 28 de janeiro), pertence unicamente à Freguesia de Santa Maria Maior.

A freguesia de Santa Maria Maior reuniu 12 das antigas freguesias do centro histórico de Lisboa – Castelo, Madalena, Mártires, Sacramento, Santa Justa, Santiago, Santo Estêvão, São Cristóvão e São Lourenço, São Miguel, São Nicolau, Sé e Socorro – e é composta pelos Bairros de Alfama, Baixa, Castelo, Chiado e Mouraria. Faz fronteira com a Freguesia da Misericórdia, Santo António, Arroios e São Vicente, possui uma área de 1,49km² (Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, 2015).

A sua localização, num vale e quase de costas para o rio, torna-o uma zona mais fria e húmida e sem sol durante grande parte do dia.

Conforme refere Mendes (2012), “o Bairro da Mouraria apresenta um urbanismo irregular com múltiplas esquinas, becos e ruas estreitas e sinuosas, com uma certa compacidade do espaço construído (...)”. Além disso, a fronteira que faz com outros bairros e freguesias, como as atuais freguesias de Arroios e S. Vicente, tornam o Bairro de difícil delimitação.

Para um artigo do jornal Público, setembro 2013, sobre a Reorganização Administrativa de Lisboa, Pedro Santa Rita, à altura ligado à ARM, descreveu o Bairro da seguinte forma:

“ (...) A ‘baixa Mouraria’ pertence à freguesia do Socorro; a ‘alta Mouraria’ a São Cristóvão e São Lourenço (onde se instalou uma população a viver à sombra de grandes palacetes); o Martim Moniz e a Rua da Palma - zonas mais comerciais - pertencem a Santa Justa. Outras franjas do bairro abrangem ainda as freguesias da Madalena, Graça e Anjos.”.

Esta descrição, apesar de se referir às antigas freguesias, permite-nos perceber um pouco melhor a delimitação de que falámos anteriormente.

Delimitação do Bairro

Segundo referências de fontes da junta de freguesia e da câmara de Lisboa, não existe uma delimitação e mapeação oficial dos bairros. Daquilo que verificámos e já referimos, consta que o bairro da Mouraria, dentro da divisão das novas freguesias, integra apenas a freguesia de Santa Maria Maior. Com isto e com base em diversos mapas que recolhemos com referência à Mouraria e nas informações obtidas ao longo das visitas ao bairro, tanto dos entrevistados, como de outras referências do bairro e entidades envolvidas, conseguimos então tirar algumas conclusões sobre o que são considerados os limites do bairro.

A delimitação que encontramos do bairro da Mouraria, à semelhança de outros, é uma delimitação alargada a outras áreas envolventes criada para gestão urbanística, planeamento e reabilitação (anexo B2). Um exemplo disto é o caso do plano QREN Mouraria em que o espaço delimitado inclui, além do Largo do Intendente (que neste caso, é uma área já pertencente a outra freguesia), a praça do Martim Moniz e uma área além da Costa do Castelo (anexo B3).

Juntando toda esta informação que nos é transmitida pelos mapas já mencionados, com as referências que nos foram prestadas e demonstradas por alguns dos nossos entrevistados (residentes e ativos no bairro), obtivemos a seguinte delimitação: o limite a Norte e Noroeste encontra-se onde é feito o limite da Freguesia de Santa Maria Maior com a de Arroios; a Este, no limite com a Freguesia de São Vicente de Fora; e a Sul e Oeste, dentro da mesma freguesia, os limites fazem-se com os bairros do Castelo - na Costa do Castelo e escadinhas de São Crispim, e da Baixa - com o Martim Moniz e a Rua da Madalena (anexo A2).

No mapa que se desenhámos do bairro da Mouraria (anexo B4), encontramos, dentro dos limites dos mapas dos planos de urbanização e reabilitação (a preto), os limites traçados pelas referências dos nossos entrevistados (a laranja), e ainda, a área da praça do Martim Moniz (a amarelo) que mantém o seu papel na vida do bairro, que se encontra no plano QREN da Mouraria mas, ainda assim, não é comum na maioria das referências e mapas

1.3. A Mouraria e o Turismo

Se, como já vimos nos pontos sobre experiência turística e novas tendências do turismo, temos hoje em dia turistas e viajantes cada vez mais interessados em experienciar as culturas e as tradições locais; conhecer, partilhar e participar nas vivências dos locais visitados; experimentar formas de experiência turística alternativas ao turismo de massas, conseguimos agora confirmar que o bairro da Mouraria é um local de recursos e potencialidades para estas novas tendências do turismo, bem como, é um bairro com dificuldades e necessidades que poderão ser beneficiadas com a aplicação de atividades turísticas estruturadas, sustentáveis e adequadas às mesmas.

Conforme testemunhou Rita Marques da Impactrip, a Mouraria é um bairro interessante não só para o turismo solidário como para o turismo em geral.

“É muito giro, e que tem imensa história portanto, é claramente um ponto que os viajantes gostam de conhecer e de saber a história. Tem muito a ver como a evolução da cidade, tem muito a ver com a multiculturalidade da cidade.”, Rita Marques.

A aplicação de atividades turísticas neste tipo de locais, não só tem retorno direto para a comunidade e instituições através das atividades voluntárias que são realizadas pelos turistas como, dinamizam a economia local.

2. Recursos e Potencialidades

Conforme já foi abordado no ponto anterior, a elaboração de uma rota, itinerário ou circuito requer algumas etapas importantes ao seu desenvolvimento, das quais resultará a exequibilidade do mesmo enquanto percurso e enquanto produto. Além das fases iniciais como a exploração e conhecimento da região ou a consulta bibliográfica e de outras fontes são igualmente relevantes as fases posteriores de levantamento e inventário de recursos existentes e a caracterização e definição de potencialidades da região em estudo (Joaquim e Moreira, 2006). Estas últimas são as fases que iremos levar a prática no presente ponto de trabalho.

Quanto ao levantamento e inventário de recursos, este diz respeito ao processo estruturado de levantamento no terreno e inventariação do património histórico, cultural

e natural relevante na envolvente da temática em causa. Os recursos podem ser endógenos ou exógenos.

Conforme Joaquim e Moreira (2006) afirmam, é natural que ao longo do processo de levantamento, entre os registos existentes e o terreno, alguns não coincidam. Isto porque, os locais e os recursos estão em constante alteração e, as atualizações de registos, quando feitas, regra geral são de tempo a tempo e por isso não conseguem acompanhar todas as mudanças em tempo real.

2.1. Recursos Existentes no Bairro da Mouraria

Como já foi demonstrado, da delimitação do bairro da Mouraria consideramos: a Norte e Noroeste onde é feito o limite da Freguesia de Santa Maria Maior com a de Arroios, sem a Praça do Martim Moniz; a Este o limite com a Freguesia de São Vicente de Fora e a Sul; e, essencialmente a Sul e Oeste, os limites fazem-se dentro da mesma freguesia com os bairros do Castelo - na Costa do Castelo e escadinhas de São Crispim, e da Baixa - com o Martim Moniz e a Rua da Madalena.

Dentro da delimitação do bairro referida, em termos de recursos existentes, considerámos seis categorias relevantes para o nosso estudo, de acordo com os critérios de levantamento e inventário de recursos que já referimos:

Social – Na categoria dos recursos sociais estão considerados espaços e projetos, entidades/associações de cariz social integral ou parcialmente.

Apesar de estarmos a considerar os espaços que estão sediados no território do bairro, existem algumas exceções de projetos sediados nas proximidades do bairro que também estão ativos nesta área.

Figura 6 - Recursos Sociais no Bairro

Categoria	Tipo	Designação
Social		Associação Sociocultural Renovar a Mouraria
		Bairros - Rede de Desenvolvimento Local – Mouraria
		Clínica de São Cristóvão - Associação de Socorros Mútuos de Empregados do Comércio de Lisboa
		Cozinha Popular da Mouraria

	GES - Gabinete de Empreendedorismo Social
	Grupo Gente Nova
	PAV - Ponto de Apoio à Vida (Casa de Santa Isabel)
	Refood Santa Maria Maior

Fonte: Elaboração própria com base no Plano QREN Mouraria

Cultura e Desporto – Na categoria dos recursos culturais e desportivos são considerados as associações e/ou casas que atuam nas áreas da cultura, desporto e recreação.

Figura 7 - Recursos Culturais e Desportivos no Bairro

Categoria	Tipo	Designação
Cultural e Desportivo		Associação Casa da Achada
		Associação Sociocultural Renovar a Mouraria
	Casa Regional	Casa da Comarca da Sertã
	Casa Regional	Casa da Covilhã
	Casa Regional	Casa de Lafões
		Grupo Desportivo da Mouraria
		Movimento Amigos de São Cristóvão

Fonte: Elaboração própria com base no Plano QREN Mouraria

Educação - Na categoria da educação considerámos as entidades com ação na área educação e da formação, quer sejam escolas ou centros de estudo ou formação.

Figura 8 - Recursos de Educação e Formação no Bairro

Categoria	Tipo	Designação
Educação / Formação		Associação Sociocultural Renovar a Mouraria
		Gabinete de Empreendedorismo Social Santa Maria Maior
		SCML - Creche Encosta do Castelo

Fonte: Elaboração própria com base no Plano QREN Mouraria

Religião - Na categoria dos recursos religiosos estão considerados os espaços de caráter religioso, como monumentos religiosos ou casas religiosas.

Figura 9 - Recursos Religiosos no Bairro

Categoria	Tipo	Designação
Religião		Capela do Senhor Jesus da Boa Sorte

	Igreja de São Cristóvão
	Igreja da Nossa Senhora do Socorro ou Coleginho
	Igreja Evangélica Chinesa
	Mesquita da Associação do Bangladesh
	Mesquita do Martim Moniz
	Templo Shri Guru Radivass

Fonte: Elaboração própria com base no Plano QREN Mouraria

Restauração - Na categoria da restauração considerámos as casa que prestam serviços de restauração no bairro, como restaurantes, tascas, etc.

Figura 10 - Recursos de Restauração no Bairro

Categoria	Designação	Designação (continuação)
Restauração	A cartuxinha	Solar de S. Cristóvão - O Almeida
	A Parreirinha	Taberna O Poço
	Adega zé dos Cornos	Tasca da Laurinda
	Alcaide	Tasquinha A Vaidosa
	Bar Anos 60	Tasquinha da Isilda
	Bar das Imagens	Tasquinha do Galego
	Cantina Baldraca	Tasquinha González
	Cantinho do Aziz	Tentações de Goa
	Casa de Comida Eurico	Restaurante Aviz
	Casa de Lafões - Associação Regional	Marco do Correio
	Churrasqueira da Mouraria	Cantinho do Custódio
	Cozinha Popular da Mouraria	Bangla Restaurante
	Leitaria Brilhante	O Forno do Alfarrabista
	Leitaria Moderna	Restaurante Indian Palace
	O Jasmim	Restaurante Taste of Pakistan
	O Trigueirinho	
	O Zé da Mouraria	
	Os Antónios O Golfinho	
	Restaurante Paquistão Taste of Punjab	
	Restaurante São Cristóvão	
	Restaurante Santo André	

Fonte: Elaboração própria com base no Plano QREN Mouraria

Alojamento - Na categoria de alojamento turístico, segundo a observação participativa que pudemos fazer no terreno, concluímos que a predominância na Mouraria é de alojamento local. Entre apartamentos e quartos para alugar em casas que foram propositadamente remodeladas e preparadas para este fim, dada a boa localização do bairro. Este setor está a crescer no bairro e surgiram já algumas notícias de que

antigos edifícios (prédios ou palacetes) foram adquiridos para serem transformados em novos empreendimentos turísticos de luxo.

Também em pesquisa em *sites* de aluguer de alojamento podemos verificar esta predominância. Segundo pesquisa no *site* Airbnb, estão registados cerca de 30 alojamentos turísticos locais se filtrarmos para a antiga freguesia do Socorro que engloba a maioria da área do Bairro. Já no *site* HomeAway, encontram-se quase 80 respostas de alojamento quando se pesquisa por Mouraria.

No que diz respeito a dados oficiais apresentados pela freguesia e com base nos censos 2011, consta que existirão cerca de 93 estabelecimentos hoteleiros e similares em toda a freguesia sendo no Chiado e na Baixa que se encontrarão a maioria.

Figura 11 - Tipos de alojamento na Freguesia

Alojamentos	Tipo de alojamento e edifício	Freguesia de Santa Maria Maior
Alojamentos colectivos	Estabelecimentos hoteleiros e similares	93

Fonte: Junta de Freguesia de Santa Maria Maior (2015), adaptado de INE, Censos 2011

Ainda na matéria dos recursos, surgem as ofertas de itinerários turísticos que, por entre a quantidade e diversidade que existe um pouco por toda a cidade de Lisboa, nos últimos anos começaram a aventurar-se também na passagem da fronteira da Baixa para a Mouraria.

Em Portugal, tem aparecido recentemente, tendo em conta os largos anos da história do turismo, algumas iniciativas de atividades e experiências de turismo solidário, pioneiras no nosso país.

Conforme já fizemos referência, existe já uma agência de viagens direcionada para o turismo solidário, a Impactrip que surgiu há cerca de três anos numa ideia em que fazia sentido trazer o turismo como agente de mudança para Portugal, como nos explicou um dos seus fundadores. Enquanto agência de viagens tem por objetivo combater desigualdades sociais através do turismo.

“Nós não inventámos o voluntariado, nós fomos lá e perguntámos o que é que estas organizações precisavam, portanto acho que o contributo pode ser realmente importante no sentido em que estamos a dar voluntários a estas organizações mas também, a potencializar os seus negócios sociais.”, Rita Marques, Impactrip

A Impactrip é especializada na temática do solidário e disponibiliza a possibilidade de o visitante participar e intervir em diferentes áreas através da sua variedade de oferta.

“Os nossos programas são do mais variado possível. De norte a sul do país, desde Lisboa, Porto e Algarve; a um Parque Natural no Interior e Aldeias com 40 pessoas; até mergulhos na Costa Portuguesa. Portanto, são muito variados.”, Impactrip

Uma das ideias iniciais de programas da Impactrip passou exatamente pela Mouraria, onde faria parte do itinerário uma atividade com um parceiro social do bairro. Esta possibilidade surgiu da certeza dos seus criadores de que este é um bairro com potencialidades para o turismo solidário, muito ligado à história da cidade e à multiculturalidade que nela existe. Segundo a Impactrip, faz sentido que os programas de turismo solidário passem pela Mouraria pois este é um ponto de referência exatamente para: “mostrar as histórias por trás do bairro.”.

Também o projeto *Taste of Lisboa - food tours* é uma novidade relativamente recente nas atividades turísticas da cidade e que, na temática gastronómica, encontrou na Mouraria a identidade e genuinidade que procura transmitir aos visitantes. Este projeto procura dar a conhecer aos visitantes a cidade pela sua gastronomia através das suas casas mais típicas.

“A missão da Taste of Lisboa Food Tours é mostrar-lhe a Lisboa real, a do dia-a-dia, onde os lisboetas vivem, e evitar que se sinta perdido e confuso ao aventurar-se na descoberta do lado autêntico desta cidade. Iremos percorrer os caminhos desconhecidos das multidões turísticas.”, Taste of Lisboa.

Além destas referências e, a primeira referência que temos deste tipo de atividades no bairro da Mouraria, existem as visitas guiadas da Associação Renovar a Mouraria que tiveram início nos primeiros tempos de vida da associação, embora tenham vindo a ser desenvolvidas ao longo dos anos.

“Hoje em dia temos uma oferta muito mais diversificada, temos passeios regulares que mesmo assim já se dividem em três temáticas, é um com base no Fado; um chama-se “Mouraria das Tradições” portanto, eu diria que é o mais genérico; e um que faz o percurso do Castelo à Mouraria.”, partilhou Filipa Bolotinha.

Estas visitas não são o projeto principal da Associação e visam ser sustentáveis ao mesmo tempo que tentam despertar o interesse, além dos visitantes, da própria população pelo bairro.

“ Conseguimos oferecer essas visitas em 6 línguas diferentes, porque entretanto tivemos a possibilidade de dar dois cursos de formação de guias locais, portanto, pessoas que vivem na Mouraria, ou trabalham, ou vivem muito perto ou que conhecem, porque é fundamental já ter uma ligação a este território (...), e temos um conjunto de guias disponíveis para fazer já as visitas em português, inglês, francês, alemão, italiano e espanhol.”, explicou-nos fonte da Associação Renovar a Mouraria.

Para a caracterização e definição das Potencialidades – No sentido de conhecer as tendências do lazer e do turismo, tanto internas quanto externas e ter um conhecimento profundo da região, que permita a definição das suas potencialidades genuínas.

Nesta fase, conforme Joaquim e Moreira (2006) referem, para definição das potencialidades que irão proporcionar ao visitante “o espaço da memória do território que visita”, é necessário que além das etapas já referidas, tenha sido previamente elaborado todo um trabalho estruturado de caracterização, classificação e conservação dos recursos e possíveis potencialidades.

2.2. Potencialidades do Bairro da Mouraria

Após o estudo e caracterização do Bairro e a recolha e levantamento de recursos, podemos apontar, numa perspetiva de turismo e solidariedade, que as potencialidades da Mouraria para atrair visitantes e potencializar o seu mercado, economia e desenvolvimento comunitário são:

História e/ou Religião – A riqueza histórica, o marco na história da cidade e do país, e o património edificado referentes a estes períodos e acontecimentos que se mantém presente, mesmo que em vestígios em alguns casos, são pontos de atração e interesse de visitantes no Bairro.

Multiculturalidade – A presença de uma grande variedade de nacionalidade e culturas concentradas neste território, faz deste o bairro mais multicultural de Lisboa o que lhe dá uma referência e destaque. Podemos considera-lo como a “China Town” de Lisboa em modo de comparação com outras grandes capitais europeias em que esta

referência é um ponto de interesse turístico. Nesta vertente podemos também falar em turismo étnico como uma possível abordagem para o turismo na Mouraria.

Cultural e Tradição – Do outro lado da multiculturalidade, a Mouraria preserva a cultura e tradição portuguesa que está também ligada à sua história. São por exemplo as tradições do quotidiano e do comércio português que neste caso se transmitem nas tasquinhas do bairro ou no Fado que vê muito da Mouraria nas suas origens e em muitos dos nomes que o têm vindo a representar ao longo das décadas.

Arte e urbanismo – desde os diferentes períodos representados no património e urbanismo do bairro, aos projetos que nele têm sido implementados nos últimos anos, muito poderá ser o interesse que este bairro despertar quer a estudantes como a profissionais destas áreas criativas.

Gastronomia – à semelhança do que acontece na maioria, se não todo, o território português, a gastronomia é um “peso pesado” do país pelo que, a Mouraria com a história e tradição que já vimos ter, não será exceção. A este potencial podemos juntar a multiculturalidade do bairro e assim dar maior variedade a este ponto de atração. Facto que se pode comprovar pela presença de casas e restaurantes de cozinhas internacionais que já se verifica no bairro.

Comércio – Associado às potencialidades já referidas de cultura, tradição e multiculturalidade, surge o comércio característico de cada uma das culturas presentes no bairro, além do comércio tradicional português. Este fator dá forma à designação de “China Town” que já referimos, à qual a Mouraria se assemelha e que é normalmente uma referência e atração turística.

Comunidade, desenvolvimento e formação - Numa abordagem mais atual de sustentabilidade, desenvolvimento comunitário e solidariedade, a Mouraria, com projetos e iniciativas que têm sido implementados nestas áreas de intervenção, poderá ser considerada como uma referência e atrair o interesse de muitos profissionais ou interessados destas áreas e de outras, dada a abrangência de abordagens e potencialidades que se têm verificado no bairro.

Capítulo V - Itinerários de Turismo Solidário no Bairro da Mouraria

Neste capítulo pretendemos criar e desenvolver ideias de itinerários turísticos para o bairro da Mouraria tendo em conta tudo o que já abordamos.

Conforme verificámos anteriormente, um itinerário é “uma proposta de organização de oferta turística” e pode ser de diferentes tipos: integrados; temáticos; específicos. Podem também ter diferentes durações: meio-dia; dia inteiro; dois dias; etc., e podem ainda ser criados por forma a terem uma relação ou darem continuidade a outro itinerário, dando assim a possibilidade de escolha e variedade ao viajante.

Neste sentido e, tendo em conta tudo o que observámos sobre o turismo solidário na atualidade e sobre o bairro da Mouraria, vamos elaborar alguns itinerários de turismo solidário aplicado a este bairro, entre os quais teremos diferentes durações e tipos. Na sua maioria serão de observação e participação, sendo que outros serão apenas de observação ou participação. Dentro da temática do turismo solidário alguns serão mais específicos e poderão ser associados a uma subcategoria. A criação destes itinerários terá em conta a variedade de durações e abordagens por forma a criar, conforme já referimos, a diversidade e interligação que facilitam ao visitante a escolha em variedade e a possibilidade de combinações de itinerários.

Estes itinerários poderão numa outra fase ser colocados no mercado através de uma entidade ou operador turístico que faça valer os princípios e boas práticas que com eles pretendemos “levantar”, como o respeito e a preservação da identidade do bairro, a sustentabilidade, o desenvolvimento social e comunitário e a solidariedade.

1. Propostas:

1.1. Itinerário Solidário *Meio-dia com a Refood*

Em pareceria com a Refood de Santa Maria Maior que está sediada no Barro da Mouraria (Poço do Barrotem), este itinerário prevê que os viajantes sejam e façam não mais do que aquilo que um voluntário da Refood faz.

Conforme a própria Refood apresenta no seu *website* (<http://www.re-food.org/pt>), esta é “um movimento comunitário independente, 100% voluntário, conduzido por cidadãos e integrado numa IPSS” e, a sua missão passa por “eliminar o desperdício alimentar e acabar com a fome, incluindo neste esforço todos os membros da comunidade”. Aqui os voluntários contribuem com pelo menos um turno de 2 horas por semana, que dispensam das suas vidas para ajudar nas tarefas desta missão.

Assim, para este itinerário de *Meio-dia com a Refood*, propomos:

- Na primeira hora: receção e visita ao centro de operações da Refood Santa Maria Maior com uma apresentação e enquadramento em todas as áreas de ação e espaços do centro para dar início ao “envolvimento” do visitante com a missão em que irá participar.
- Nas restantes duas a três horas: Participação e colaboração com os restantes voluntários e gestores nas tarefas a decorrer no centro de operações (preparação de refeições, embalamento, limpeza ou arrumações) ou no terreno (recolha de excedentes ou distribuição de refeições).

“(…) os turistas podem fazer primeiro intervenção comunitária e a seguir, em troca têm uma visita guiada, ou uma visita guiada e um jantar ou um almoço num sítio qualquer aqui pelo Bairro.”, Nuno Franco, Mediador Comunitário da Mouraria.

Este é um itinerário específico, de participação e de curta duração e poderá decorrer num período da tarde ou da noite, consoante a disponibilidade, vontade e interesse do visitante nas diferentes tarefas e etapas da missão Refood.²

1.2. Itinerário Solidário *Meio-dia na Multiculturalidade*

Subcategoria: étnico

Da Rua da Mouraria ao Largo do Intendente, passando pela Rua do Benfornoso, encontramos um percurso repleto de diferentes referências étnicas, referências incontornáveis da conhecida multiculturalidade do bairro. Com o apoio do Gabinete de Empreendedorismo Social e da Associação Renovar a Mouraria, este itinerário passa

² Este itinerário pode ser articulado com o itinerário 1.2. ou com o 1.3., uma vez que tem a possibilidade de ser realizado num turno de fim do dia ou de noite.

por um breve percurso por algumas das ruas mais emblemáticas e de comércio do bairro o que permitirá uma visão da realidade multiétnica e multicultural do mesmo.

A vertente solidária deste itinerário passa pela oportunidade de “alimentar” e ajudar a desenvolver o comércio local uma vez que, este é um tema que preocupa as entidades que atuam no bairro e a própria junta de freguesia e é visto como um mecanismo para o desenvolvimento local e sustentabilidade do bairro. Segundo um dos nossos entrevistados, encontra-se já em desenvolvimento um plano para um centro de comunicação que dará apoio aos comerciantes locais para o desenvolvimento e promoção dos seus negócios. O qual referiu ainda que “o turismo não influencia o comércio ou a vida no bairro. Seria bom se as visitas guiadas cooperassem com a restauração e as lojas.”. Poderá então, esta ser uma oportunidade para que o turismo comece a ter influência no comércio local do bairro.

Assim, para este itinerário de *Meio-dia na Multiculturalidade* propomos:

- Encontro no início da rua da Mouraria em frente à Igreja da Nossa Senhora da Saúde, onde será feita uma breve introdução ao Bairro da Mouraria dando maior ênfase à história da diversidade étnica e à multiculturalidade existente no bairro. A visita será conduzida por um dos guias locais/residente, formado pela ARM.

- Inicia-se o itinerário pela rua da Mouraria com paragem no Centro Comercial da Mouraria, seguindo para a rua do Benfornoso onde, entre outras, encontram-se lojas como os talhos Halal, um cabeleireiro do Bangladesh ou um restaurante de cozinha Indiana e Bangladesh. O itinerário termina no Largo da Mouraria, largo característico da cidade e onde será então possível encontrar referências mas dirigidas ao comércio tradicional português.

Durante o percurso serão referidas as casas de comércio existentes e as práticas e tradições de cada uma das comunidades/etnia correspondentes, além do tempo disponibilizado para os visitantes poderem explorar os espaços. Em alguns dos espaços comerciais existirá a possibilidade de assistir e/ou participar em experiências preparadas para melhor dar a conhecer as vivências e tradições destes espaços e destas etnias.

Este é um itinerário temático, de curta duração, maioritariamente de observação mas também de participação.

1.3. Itinerário Solidário *Um dia nos Saberes e Sabores da Mouraria*

Subcategoria: cultural e gastronómico

Este itinerário prevê parcerias com duas entidades locais. Por um lado a Associação Renovar a Mouraria com os seus guias locais, moradores do bairro, oriundos ou não do bairro, portugueses ou migrantes, estes guias foram formados num projeto da Associação para poderem guiar turistas pelo bairro em visitas, algumas delas temáticas e/ou temporárias, promovidas pela Associação. Por outro lado, a Cozinha Popular da Mouraria, um espaço de partilha gastronómica e cultural com uma forte componente comunitária e de intervenção social que vai muito além de um simples espaço de restauração (<http://cozinhapopularmouraria.org/>). Aqui realizam-se encontros, eventos, *workshops* entre outros, tudo isto com uma grande envolvente de todos os recursos do bairro e das diversas culturas nele existentes.

Assim, para este itinerário de *Um dia nos Saberes e Sabores da Mouraria* propomos:

- De manhã: receção e visita à Cozinha Popular da Mouraria onde os visitantes irão participar num *workshop* de cozinha que será conduzido por um habitante do bairro e a partir do qual irão confeccionar almoço que será servido na Cozinha nesse dia e que os próprios irão saborear numa partilha de conhecimentos e experiências entre visitantes e comunidade.
- De tarde: A partir da Cozinha Popular, terá início uma visita guiada pela história e pelas estórias da Mouraria. À semelhança do que aconteceu da parte da manhã, também aqui os visitantes serão conduzidos por um habitante local, um dos guias formados pela ARM que durante uma visita guiada pelas ruas da Mouraria irá, além de dar a conhecer o bairro e a sua história, partilhar algumas das suas experiências e vivências no bairro.

Em ambas as fases deste itinerário é de ressaltar o fator multiculturalidade existente no bairro da Mouraria o que traz a qualquer uma destas experiências, um maior enriquecimento e pluralidade. Aqui o *workshop* e o almoço na Cozinha Popular da Mouraria tanto poderá ser de cozinha portuguesa como, nepalesa ou angolana e, a visita guiada tanto poderá ter “uma pitada” de Moçambique, como de Portugal ou do Bangladesh.

Este é um itinerário integrado, no sentido em que aborda várias componentes do património local. É um itinerário de curta duração, de observação e participação.

1.4. Itinerário Solidário *Um Dia a Ajudar a Mouraria*

Em parceria com a Associação Renovar a Mouraria, o Grupo Desportivo da Mouraria, ou o Gabinete de Empreendedorismo Social, que nos transmitiram as necessidades existentes em cada momento, será possível criar a possibilidade de os visitantes participarem em trabalhos no e para o bairro, respondendo assim às necessidades que nos foram transmitidas.

Assim, para este itinerário de *Um Dia a Ajudar a Mouraria* propomos:

- De manhã: começo com receção e breve introdução ao bairro, com identificação das suas principais características, problemas e necessidades. Em seguida introdução do visitante naquele que vai ser o seu ambiente, área de ação e, início dos trabalhos.

No final da manhã, pausa para conhecer o projeto da cozinha comunitária da Mouraria onde se seguirá o almoço.

- De tarde: Continuação dos trabalhos iniciados de manhã.

As tarefas praticadas pelos visitantes neste dia, como já referido, estarão de acordo com as necessidades existentes no momento que nos serão transmitidas e orientadas pelas entidades mencionadas. Estes poderão ser desde um *workshop* ou uma aula em que o visitante partilhará um conhecimento seu; ajuda na construção ou elaboração de algum trabalho que esteja a decorrer em algum destes espaços; ajuda no apoio aos idosos do bairro (fazer compras, entregar encomendas de supermercado ou farmácia, etc.); ou até limpeza ou intervenção em algum espaço público do bairro.

- No final do dia, lanche multicultural na cafetaria da ARM.

Este é um itinerário específico de envolvimento com as ações praticadas pelas entidades sociais e culturais do bairro. É um itinerário de participação e curta duração.³

³ Pode ser integrado no itinerário 1.5 no caso de o visitante querer, num dos três dias do itinerário referido, participar de uma outra forma na vida e desenvolvimento do bairro.

1.5. Itinerário Solidário *Três dias no Santo António da Mouraria*

Numa parceria com a Associação Renovar a Mouraria e aproveitando uma altura de grande afluência turística à cidade de Lisboa, este itinerário poderá ser realizado no mês das Festas de Lisboa em que, na Mouraria, à semelhança do que acontece por toda a cidade, existe uma programação de arraiais com comida, bebida, música e outros espetáculos ou atrativos, neste caso, a organização é da ARM que durante este mês tem “trabalhos dobrados”.

“ (...) quando nós temos o Arraial de Santo António em Junho, se calhar é um momento ótimo para termos aqui turistas durante uma semana a trabalhar no Arraial, eles vão ao “mar”, conhecem montes de gente, têm música e só têm que servir sardinhas ou servir imperiais.”, Filipa Bolotinha, ARM.

Assim, para este itinerário de *Três dias no Santo António da Mouraria*, propomos:

- 1º Dia: Da parte da manhã, receção e visita às instalações da ARM para enquadramento e conhecimento do espaço e da missão da Associação. Em seguida visita guiada por um dos guias da ARM ao bairro da Mouraria com almoço num dos espaços enquadrados na “Rota das Tasquinhas e Restaurantes da Mouraria” projetado pela ARM.

Da parte da tarde, o viajante terá a oportunidade de integrar a equipa para os trabalhos que estarão a decorrer no âmbito da programação do Arraial da Mouraria o qual normalmente tem início a partir das 19h. Jantar no arraial. Com o início dos festejos e dos espetáculos, possibilidade de ajudar no serviço de comida e/ou bebida e ainda, a possibilidade desfrutar de momentos de envolvimento, convívio e diversão.

- 2º Dia: Ao final da manhã, ajuda nas limpezas dos espaços públicos normalmente afetados pelos festejos da noite anterior. Almoço na cafetaria da ARM.

Da parte da tarde, participação nos trabalhos de preparação de mais um dia do grande arraial da Mouraria. Ao final do dia, jantar no arraial e início dos festejos e espetáculos onde o viajante poderá ajudar nos serviços que estão a ser prestados no âmbito do arraial e desfrutar de mais uma noite de experiência cultural e tradicional.

- 3º Dia: Manhã de descanso seguida de almoço na Cozinha Popular da Mouraria e possibilidade de conhecer mais este projeto comunitário do bairro.

De tarde, final do itinerário.

Este é um itinerário temático maioritariamente participativo e centrado neste período e evento concreto que faz parte da cultura e da tradição local.

Para este itinerário, e sendo ele de alguma intensidade no que diz respeito a atividade e vivências do bairro, o viajante terá a oportunidade de ficar alojado num dos alojamentos locais existentes na Mouraria.

Do ponto de vista teórico abordado nos capítulos iniciais e tendo em conta as metodologias que usámos ao longo deste estudo, o desenvolvimento destas propostas de itinerários visam implementar uma atividade turística sustentável num bairro histórico e emblemático. No âmbito do turismo solidário e das características do bairro da Mouraria, os principais objetivos destes itinerários são, além de promover e desenvolver o bairro, minimizando o estigma depreciativo nele existente desde o início do séc. XX, melhorar as condições de vida no bairro.

Por outro lado, estes itinerários pretendem também acompanhar as tendências do turismo nos dias de hoje, permitindo aos viajantes diferentes e autênticas experiências, numa convivência direta com ambientes naturais, cultura e tradição.

Numa panóplia entre gastronomia, solidariedade, ambiente (nos 3 R's – reduzir, reutilizar, reciclar), cultura, pretendemos acompanhar as tendências e evolução do turismo e dos turistas bem como, no contexto do desenvolvimento comunitário.

Conclusão

O trabalho desenvolvido para a elaboração da presente dissertação permitiu obter resultados no contexto das potencialidades para o turismo solidário no bairro da Mouraria.

No contexto da evolução do turismo e das fortes transformações deste fenómeno à luz da globalização, temos hoje uma experiência turística claramente marcada pela pluralidade, subjetividade e desdiferenciação. Estas profundas alterações da experiência turística dão origem a novas formas de turismo onde tipos de turismo como turismo solidário e turismo voluntário têm tido um forte crescimento.

Como foi mencionado no trabalho, o turismo de massas tem, como sempre teve, a grande predominância na indústria turística a nível mundial, sendo que a ele estão associados por vezes efeitos negativos e situações de desequilíbrios entre países e comunidades. No entanto este cenário de grande massificação tem dado origem, nas últimas décadas, a um crescente interesse e desenvolvimento de formas alternativas de turismo marcadas pela responsabilidade e pela solidariedade quer do emissor, quer do recetor (Caruana *et all*, 2014). Estas novas formas de turismo, na generalidade, associam-se ao desenvolvimento da humanidade e consequentemente da procura turística, o que lhes concede um significado e relevância considerável para a atualidade do turismo. A pluralidade e a subjetividade da experiência turística (Uriely, 2005) estão exemplarmente presentes nestas novas formas de turismo, onde a autenticidade da experiência turística (Wang, 1999) e a relação com o Outro (Galani-Moutafi, 2000) são dimensões centrais.

Compreender melhor o turismo solidário e a sua relação e diferenciação com outros tipos de turismo, deu-nos uma visualização mais clara do objetivo traçado para este trabalho e o caminho a desenvolver para o alcançar. O turismo solidário está intimamente relacionado com o desenvolvimento comunitário e a economia solidária. Podemos concluir que todas estas novas formas de turismo e novas práticas têm em comum a promoção da participação da população; o trabalho em rede e relações de parceria; a mobilização e utilização quer de capacidades locais como de recursos exógenos; a identidade, a solidariedade e a autonomia para a satisfação de necessidades. (Amaro, 2009).

Chegamos assim à conclusão que o desenvolvimento das novas formas de turismo como o turismo solidário, é possível que bairros como este possam ter um papel ativo na indústria do turismo que, não só dará retorno direto para a comunidade e instituições locais através das atividades voluntárias que são realizadas pelos turistas como, dinamizará a economia local.

Por fim, através do conhecimento adquirido sobre os temas e o bairro em estudo, foi-nos possível concretizar os objetivos deste trabalho materializados nas cinco propostas de itinerários apresentadas. Estas propostas consideraram os recursos e as potencialidades existentes, o desenvolvimento comunitário e a natureza da experiência turística.

Estes itinerários pretendem acompanhar as tendências do turismo, permitindo aos viajantes diferentes e autênticas experiências, numa convivência direta com ambientes naturais, cultura e tradição dentro de uma panóplia de atividades entre gastronomia, solidariedade, ambiente (nos 3 R's – reduzir, reutilizar, reciclar), cultura, ao mesmo tempo que permitem desenvolver e constituir um importante mecanismo de reforço da sustentabilidade local e do desenvolvimento comunitário do bairro.

A continuação e o desenvolvimento desta investigação e a criação e aperfeiçoamento das propostas e das atividades existentes tendo por base principal a atualização dos dados sobre o perfil do bairro, a população, os problemas e os recursos; e o estudo dos desenvolvimentos e tendências quer do turismo, quer da tecnologia e da sociedade, poderão apresentar novas e multifacetadas soluções para o desenvolvimento sustentável do turismo em bairros como o da Mouraria.

Bibliografia

- Amaro, Rogério R. (2004), “Desenvolvimento – um conceito ultrapassado ou em renovação? – Da teoria à prática ou da prática à teoria”, in *Cadernos de Estudos Africanos*, nº 4, Lisboa: Centro de Estudos Africanos (CEA/ISCTE), pp. 35-70.
- Amaro, Rogério R. (2009), “Desenvolvimento Local”, in Hespanha, Pedro et al. *Dicionário Internacional da Outra Economia*, Coimbra: Edições Almedina, pp. 108-113.
- Amaro, Rogério R. (2001), “Opções, estratégias e actores de desenvolvimento em confronto no caso de Foz Côa”, in Gonçalves, Maria Eduarda (coord.), *O Caso de Foz Côa: Um Laboratório de Análise Sociopolítica*, Lisboa: Edições 70, pp. 193-227.
- Amaro, Maria Inês (coord.) (2015), *Diagnóstico Social Santa Maria Maior*, Lisboa: Centro de Estudos de Serviço Social e Sociologia.
- Bardin, Lawrence (1995) *Análise de Conteúdo*, Lisboa: Edições 70.
- Brown, Lorraine (2013) “Tourism: A Catalyst For Existential Authenticity”, *Annals of Tourism Research*, vol.40, pp.176-190.
- Caire, Gilles (2007), “Tourisme solidaire, capacités et développement socialement durable”, *Marché et organisations*, nº3, Paris: Editeur L’Harmattan, pp.89-115.
- Caruana, Robert, Sara Glozer, Andrew Crane e Scott McCabe (2014) “Tourist’s accounts of responsible tourism”, *Annals of Tourism Research*, vol. 46, pp.115-129.
- Tonini, Norberto (2007), “Viaggio attorno al turismo sociale, sostenibile e solidale”, Italia: FrancoAngeli Edizioni.
- Cavaco, Carmina (2006), “Práticas e Lugares de Turismo” *Desenvolvimento e Território: Espaços Rurais e Pós-Agrícolas e Novos Lugares de Lazer*, Lisboa: CEG, pp.299-362.
- Cerro, António (2012), “Mouraria: berço do fado busca nova vida no coração de Lisboa”, artigo Agência EFE. <<http://turismo.ig.com.br/destinos-internacionais/2012-08-31/mouraria-berco-do-fado-busca-nova-vida-no-coracao-de-lisboa.html>> (consultado em 19/01/2015)
- Coghlan, Alexandra (2015) “Prosocial behavior in volunteer tourism”, *Annals of Tourism Research*, vol. 55, pp. 46-60.

- Cohen, Erik (1979), "A Phenomenology of Tourist Experiences", *Sociology*, 13, London: Sage Publications, pp.179-201.
- Cohen, Erik (1988), "Authenticity and Commoditization in Tourism", *Annals of Tourism Research*, vol.15, pp.371-386.
- Cohen, Erik (1995), "Contemporary Tourism- Trends and Challenges Sustainable Tourism or Contrived Post-Modernity?", Pearce e Butler ,(eds), *Change in Tourism Peoples, places and processes*, London: Routledge, pp.12-29.
- Cohen, Erik (1974), "Who is a Tourist? A Conceptual Clarification", *Sociological Review*,22, Blackwell Publishers, pp.527-555.
- Conran, Mary (2011) "They Really Love Me! Intimacy in Volunteer Tourism", *Annals of Tourism Research*, vol.38, pp.1454-1473.
- Costa, António Firmino (1999) *Sociedade de Bairro*, Oeiras: Celta Editora.
- Ferreira, Ana e Carlos Costa (2006), "«Novos Turistas» no centro histórico de Faro", *Análise Social*, vol.41, nº180, Lisboa: Instituto de Ciências da Universidade de Lisboa, pp.767-799.
- Ferreira, Luís, Lúcia Aguiar e Jorge Pinto (2012), "Turismo Cultural, Itinerários Turísticos e Impactos nos Destinos" *CULTUR - Revista de Cultura e Turismo*, ano 6 - nº 02, Bahia: UESC - Universidade Estadual de Santa Cruz.
- Figueira, Luís (2013), *Manual para elaboração de Roteiros de Turismo Cultural*, Centro de Estudos Politécnicos da Golegã, Tomar: Instituto Politécnico de Tomar.
- Frost, Warwick (2010), "Life Changing Experiences Film and Tourists in The Australian Outback", *Annals of Tourism Research*, vol.37, pp.707-726.
- Galani-Moutafi, Vasiliki (2000), "The Self and The Other. Traveller, Ethnographer, Tourist", *Annals of Tourism Research* vol.27, 1, pp.203-224.
- Godinho, Inês (2012) "Potenciar o Desenvolvimento Comunitário através do Turismo Acessível para todos: Um projeto-piloto para a cidade de Beja", dissertação de mestrado, Beja, Instituto Politécnico de Beja, policopiado.
- Joaquim, Graça (1995), "Turismo e Ambiente: Complementaridade e Responsabilidade. Contribuição para uma abordagem sociológica do fenómeno turístico", Dissertação de Mestrado, Iscte, policopiado.
- Joaquim, Graça (1997) "Da Identidade à Sustentabilidade ou a Emergência do Turismo Responsável", *Sociologia Problemas e Práticas* nº23, Lisboa: CIES, pp 71-100.
- Joaquim, Graça (2015), *Viajantes, Viagens e Turismo. Narrativas e Autenticidades*, Lisboa: Editora Mundos Sociais.

- Joaquim, Graça (2003), “Turismo Sustentável: o desafio da Inovação e da Tradição”, Simões e Cristóvão (orgs) *Turismo em Espaços Rurais e Naturais*, Coimbra: Edições IPC
- Joaquim, Graça e Raquel Moreira (2006), “Itinerários turísticos: passeando em torno do ambiente, do património e da gastronomia”, Maria Manuel Valagão (org.), *Tradição e Inovação Alimentar, dos Recursos Silvestres aos Itinerários Turísticos*, Lisboa: Edições Colibri/Iniap, pp.207-250.
- Lanfant, Marie-Françoise (1992), “L’Identité en Jeu dans L’Echange Touristique International”, *Sociologia Urbana e Rurale*, 38, Milão: Ed. Franco Angeli, pp.171-176
- Larsen, J., J. Urry e K. Axhausen (2007) “Networks and Tourism”, *Annals of Tourism Research*, vol.34, 1, pp. 244-262.
- Larsen, S., T.Ogaard e W. Brun (2011) “Backpackers and Mainstreamers Realities and Myths”, *Annals of Tourism Research*, vol.38, 2, pp.690-707.
- Laurent, Alain (2003), “Caractériser le tourisme responsable facteur de développement durable”, Toulouse: Ministère des Affaires étrangères, < http://www.mangalaniconsult.org/fichiers/ressources/Tourismedurable_MAEDG_CID.pdf > (consultado em 15/01/2016)
- Laville, Jean-Louis et al. (2000), “Terceiro Sistema: uma definição europeia”, in CIRIEC, *As empresas e organizações do terceiro sistema – um desafio estratégico para o emprego*, Lisboa: INSCOOP.
- Laville, Jean-Louis, Luiz Inácio Gaiger (2009), “Economia Solidária”, in Hespanha, Pedro et al. *Dicionário Internacional da Outra Economia*, Coimbra: Edições Almedina, pp. 162-168.
- Leal, Catarina (2014) Cidade Guiada. Turismo e nobilitação urbana no centro histórico de Lisboa, trabalho de projeto do Mestrado em Antropologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, policopiado.
- Lima, Joana, Maria Eusébio e Celeste Varum (2010), “Turismo e exclusão social: o turismo social como potencial instrumento de aprendizagem”, *Percursos & Ideias revista científica do ISCET*, pp 49, nº 2, 2ª série, Porto: ISCET.
- Brown, Lorraine (2013) “Tourism: A Catalyst For Existential Authenticity”, *Annals of Tourism Research*, vol.40, pp.176-190.
- MacCannell, Dean (1976) *The Tourist: A New Theory of the Leisure Class*, New York: Schocken Books.

- Marques, Joana (2009) “Para além da filantropia: contributos do Turismo Solidário para o Desenvolvimento Comunitário”, dissertação de mestrado, Lisboa, ISCTE-IUL, policopiado.
- McMillan, D., & Chavis, D. (1986). “Sense of community: A definition and theory”, *Journal of Community Psychology*, 14, 1, pp.6-23. < <http://iranarze.ir/wp-content/uploads/2015/01/Sense-of-Community.pdf>> (18/01/2016)
- Mendes, Natália (2011), “Os Campos de Trabalho Internacionais e a contribuição da Mobilidade Juvenil para o Turismo Cultural”, dissertação de mestrado, Viseu, Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional das Beiras, policopiado.
- Mendes, Maria Manuela (2012), “Bairro da Mouraria, território de diversidade: entre a tradição e o cosmopolitismo”, *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático: Imigração, Diversidade e Convivência Cultural, Porto: Universidade do Porto, pp.15-41.
- Mendes, Maria Manuela e Beatriz Padilha (2013), “Bairro da Mouraria em Lisboa: território de diversidade, convivência cultural e diversidade”, *revista Estudo Prévio*, nº4, Lisboa: CEACTIONAL.
- Menezes, Marlucci (2004), *Mouraria, retalhos de um imaginário: significados urbanos de um bairro de Lisboa*, Oeiras: Celta Editora.
- OMT - UNWTO (2010), “International Recommendations for Tourism Statistics 2008”, *Economic & Social Affairs*, New York: United Nations.
- Instituto Superior de Psicologia Aplicada: Lisboa. Oviedo-Garcia, M.Ángeles et al (2014), “Film-induced tourist motivations. The case of Seville (Spain)”, *Current Issues in Tourism*, London: Routledge.
- Paris, Cody Morris (2012), “Flashpackers: An Emerging Sub-Culture?”, *Annals of Tourism Research*, vol.39, 2, pp.1094-1115.
- Pereira, Sara (2008), “Circuito Museológico”, *Museu do Fado 1998-2008*, Lisboa: EGEAC/Museu do Fado.
- Poon, A. (1993), *Tourism, Technology, and Competitive Strategies*, Wallingford, UK: CAB International Publishing.
- Poos, Samuel (2006), *Tourisme équitable et solidaire: un exemple de commerce équitable dans le domaine des services*, Bruxelles: Fair Trade Centre.
- Ramos, George e João Fernandes (2012), “Tendências Recentes em Turismo: algumas reflexões na perspetiva dos Territórios de Baixa Densidade”, *COGITUR Jornal of tourism studies*, 5, Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, pp. 70-86.

- Raymond, Eliza; Hall, Michael (2008), “The development of cross-cultural (mis)understanding through volunteer tourism”, *Journal of Sustainable Tourism*, vol. 16, no. 5, London: Routledge, pp. 530-543.
- Santos, Norberto Pinto (2014). “Turismo Gestão e Território”, *Caderno Virtual de Turismo*, vol.14 Edição Especial “Hospitalidade e políticas públicas de turismo”, Rio de Janeiro: IVT, pp.74-75.
- Simões, José e Carlos Ferreira (2009), *Turismos de Nicho - motivações, produtos, territórios*, Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, UL.
- Singer, Peter (2002) *Um Só Mundo A Ética da Globalização*, Lisboa: Gradiva.
- Snee, Helene (2013), “Framing the Other: cosmopolitanism and representation of difference in overseas gap year narratives”, *The British Journal of Sociology*, 64, London: London School of Economics and Political Science, pp.142-162.
- Talavera, Agustín; Pablo Rodriguez e Alberto Darias (2010), “Las nuevas formas de turismo: causas y características”, *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, São Paulo: ANPTUR, pp. 56-67.
- UNAT (2002), *D’autres voyages, du tourisme à l’échange*, Paris: UNAT.
- Uriely, Natan (2005) “The Tourist Experience. Conceptual Developments”, *Annals of Tourism Research*, vol.32, 1, pp.199-216.
- Wang, Ning (1999), “Rethinking Authenticity in Tourism Experience”, *Annals of Tourism Research*, vol.26, 2, pp.349-370.
- Wang, Dan, Zheng Xiang e Daniel Fesenmaier (2016) “Smartphone Use in Everyday Life and Travel”, *Journal of Travel Research*, vol.55, 1, London: Sage Publications, pp.52-63.
- White, William Foote (1989), *Learning from the Field*, London: Sage.

Sites Consultados

CML – Lisboa Interativa [online], <<http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>>, (consultado 29/02/2016 e 12/03/2016)

Dentro do Mochilão, blog de turismo [online] por Cris Marques, “Diferença entre Turismo Voluntário e Turismo Solidário”, publicado a 25/05/2013, <<http://www.dentrodomochilao.com/2013/05/diferenca-turismo-voluntario-e-turismo-solidario/>>, (consultado em 3/02/2016).

Impactrip, Agência de Viagens de Turismo Solidário [online], <<http://www.impactrip.com/>>, (consultado em 2015 e 2016)

Jornal Publico 2013, “Como doze freguesias se tornaram uma”, [online] p.39, <<http://www.publico.pt/temas/jornal/como-doze-freguesias-se-tornaram-uma-27054236>> (consultado em 13/11/2015)

Rotas Solidárias [online], <<http://rotassolidarias.org/novo/rotas-solidarias-solidarity-routes/>>, (consultado em 29/11/2015).

Taste of Lisboa, Food Tours [online], <<http://www.tasteoflisboa.com/pt/>>, (consultado em 6/02/2016 e 13/03/2016)

Turismo de Portugal (2008), “Conceitos estatísticos turismo”, *Conceitos e Nomenclaturas*, PROTURISMO [online], <<http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/ProTurismo/Pages/ProTurismo.aspx>> (consultado em 3/02/2016).

Anexos

Anexo A1

Um retrato por bairros: Indicadores e Síntese

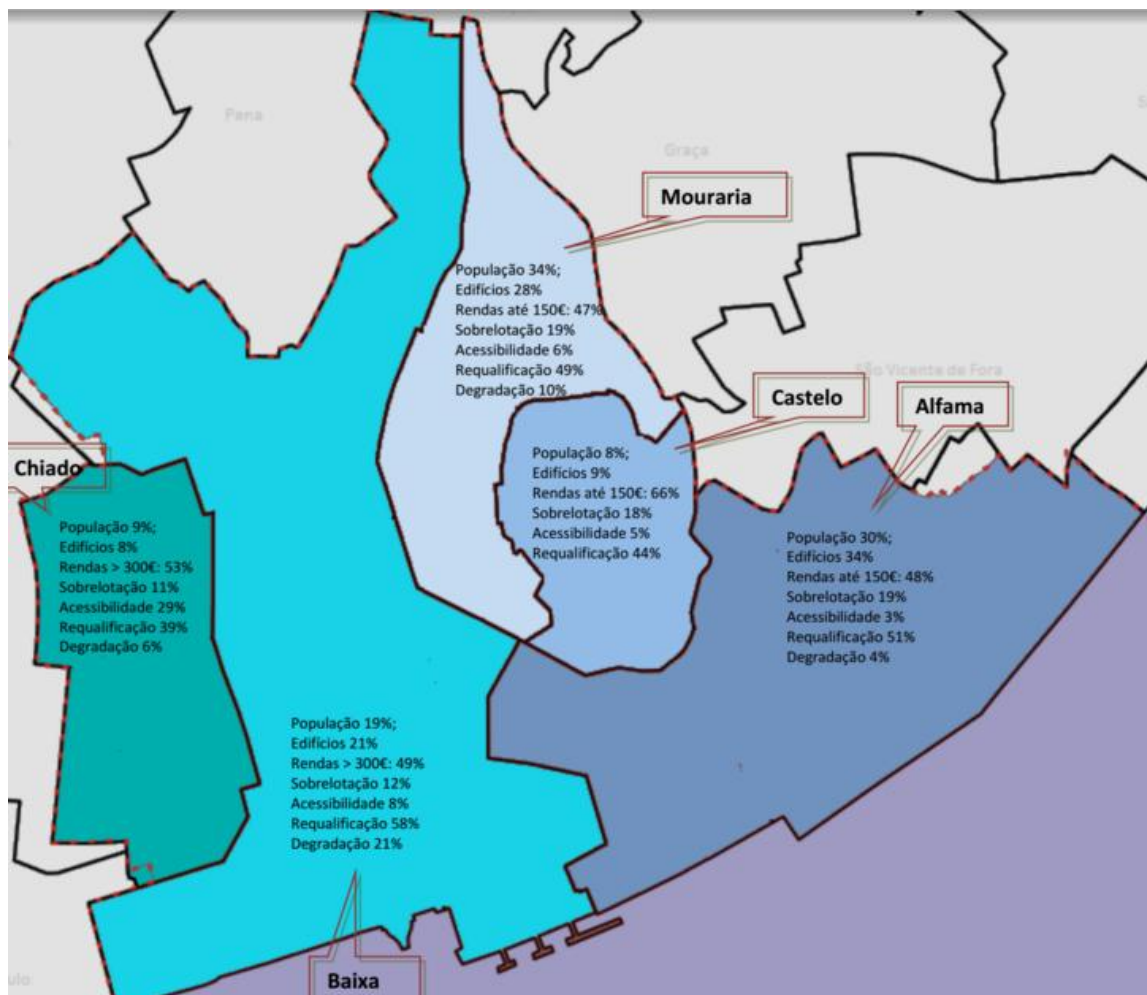
UM RETRATO POR BAIRROS:

Indicadores	Alfama	Baixa	Castelo	Chiado	Mouraria
Perfil da população	<ul style="list-style-type: none"> • ≥ 65 anos: 26,2% • < 25 anos: 16,3% • 25 a 64: 56,5% • -25,5% de residentes 	<ul style="list-style-type: none"> • ≥ 65 anos: 18,4% • < 25 anos: 18,3% • 25 a 64: 63,3% • +11,8% de residentes 	<ul style="list-style-type: none"> • ≥ 65 anos: 32,6% • < 25 anos: 13,4% • 25 a 64: 54,0% • -33,6% de residentes 	<ul style="list-style-type: none"> • ≥ 65 anos: 20,1% • < 25 anos: 19,6% • 25 a 64: 60,1% • -3,3% de residentes 	<ul style="list-style-type: none"> • ≥ 65 anos: 23,1% • < 25 anos: 19,3% • 25 a 64: 57,6% • -1,1% de residentes
Perfil familiar	<ul style="list-style-type: none"> • Média hab/fogo: 1,96 • Unipessoais: 45,1% • Monoparentais: 21% • Alargada: 6,3% • Isolados idosos: 19,5% (+6,0%) 	<ul style="list-style-type: none"> • Média hab/fogo: 2,05 • Unipessoais: 45,6% • Monoparentais: 23% • Alargada: 8,7% • Isolados idosos: 12,2% (+70,8%) 	<ul style="list-style-type: none"> • Média hab/fogo: 1,87 • Unipessoais: 47,6% • Monoparentais: 19% • Alargada: 5,6% • Isolados idosos: 21,4% (+6,9%) 	<ul style="list-style-type: none"> • Média hab/fogo: 1,87 • Unipessoais: 48,8% • Monoparentais: 24% • Alargada: 4,3% • Isolados idosos: 11,7% (+41,8%) 	<ul style="list-style-type: none"> • Média hab/fogo: 1,98 • Unipessoais: 45,7% • Monoparentais: 21% • Alargada: 7,4% • Isolados idosos: 17,5% (+20,1%)
Entradas e saídas residentes	<ul style="list-style-type: none"> • Pop. Estrangeira: 9,2% (+85,7%) • Migrantes: +85,5% • Nados-vivos: -62,7% 	<ul style="list-style-type: none"> • Pop. Estrangeira: 22,7% (+192,6%) • Migrantes: +59,0% • Nados-vivos: +75% 	<ul style="list-style-type: none"> • Pop. Estrangeira: 5,6% (+123,8%) • Migrantes: +131,8% • Nados-vivos: +60% 	<ul style="list-style-type: none"> • Pop. Estrangeira: 11% (+34,8%) • Migrantes: +11,6% • Nados-vivos: -70,6% 	<ul style="list-style-type: none"> • Pop. Estrangeira: 23,4% (+213,5%) • Migrantes: +107,7% • Nados-vivos: -28,1%
S/ escolaridade	• 16,8%	• 16,2%	• 11,3%	• 11,7%	• 18,8%
< 3º ciclo	• 39,2%	• 25,1%	• 40,8%	• 25,0%	• 38,1%
≥ 3º ciclo	• 44,0%	• 58,6%	• 47,9%	• 63,3%	• 43,2%
Ranking jovens	• 4º	• 2º	• 3º	• 1º	• 5º
Tx analfab	• 5,35%	• 4,42%	• 3,7%	• 2,3%	• 5,65%
Tx aband. escol	• 0,5%	• 2,7%	• 0,0%	• 0,0%	• 4,8%
Não freq pré-escolar	• 36,54%	• 28,4%	• 0,0%	• 12,5%	• 44,61%
Não freq ensino básico	• 2,09%	• 2,52%	• 0,0%	• 0,0%	• 4,67%
Jovens não prosseguiram estudos	• 29,1%	• 14,2%	• 19,1%	• 6,5%	• 30,1%
Tx actividade	• 47,7%	• 57,4%	• 45,4%	• 55,7%	• 48,8%
Tx desemprego	• 13%	• 12%	• 15,5%	• 8,9%	• 17,3%
Proporção desempregados	• 27%	• 18%	• 7%	• 7%	• 41%
Síntese:	<ul style="list-style-type: none"> • + envelhecida • Idosos + isolados • + desemprego 	<ul style="list-style-type: none"> • + rejuvenescida • + escolarizados • > tx actividade 	<ul style="list-style-type: none"> • + envelhecida • Idosos + isolados 	<ul style="list-style-type: none"> • + escolarizados • - desemprego • > tx actividade 	<ul style="list-style-type: none"> • + rejuvenescida • > desvio à escolarização • + desemprego

Fonte: Diagnóstico Social Santa Maria Maior, Pp. 77

Anexo A2

Um retrato por Bairros: Alfama e Mouraria mais populosos, edificadas, sobrelotados e com necessidades de requalificação.



Fonte: Diagnóstico Social Santa Maria Maior, Pp.23

Anexo B1

Mapa de Lisboa – Divisão de Freguesias - Localização do Bairro da Mouraria



Fonte: Lisboa interativa (<http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>)

Anexo B2

Mapa de Bairros/zonas de intervenção – Planeamento e Reabilitação – Lisboa Interativa

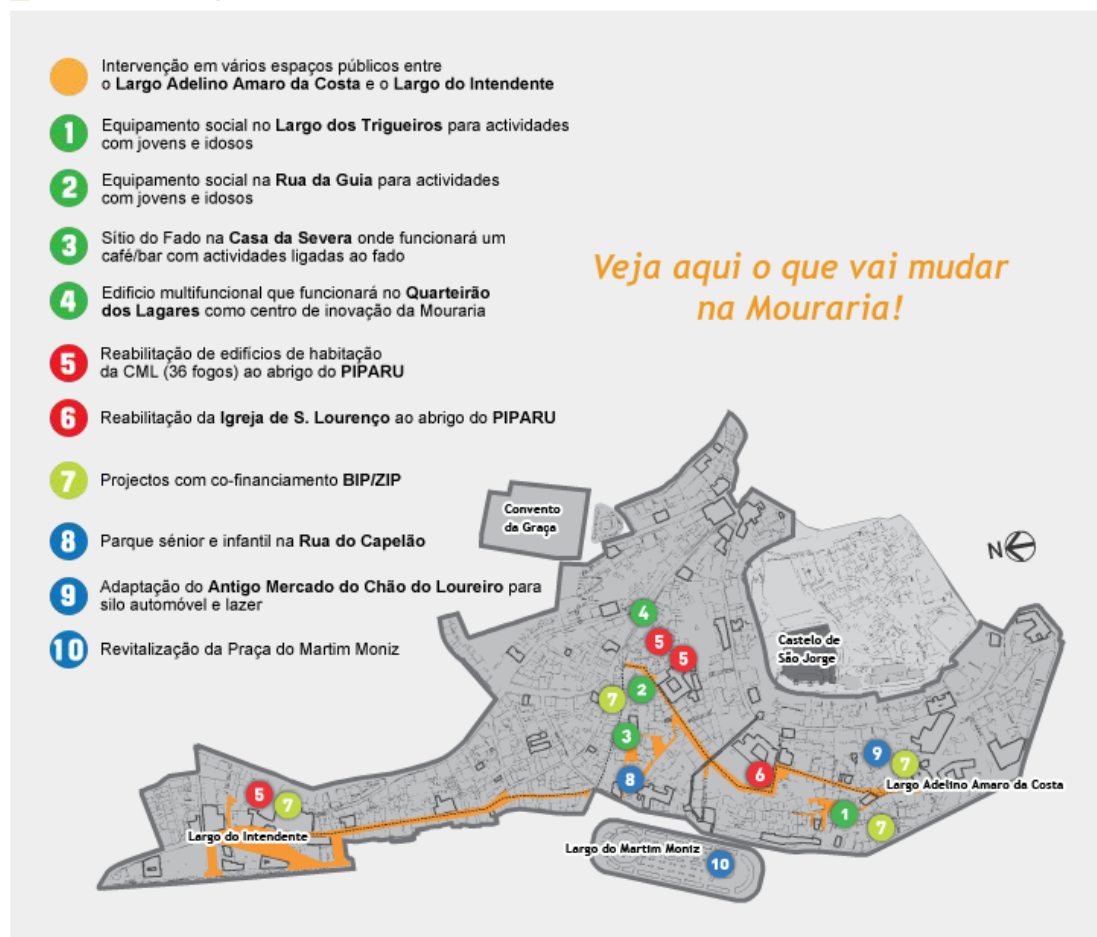


Fonte: Lisboa interativa (<http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>)

Anexo B3

Plano de Intervenção aiMouraria – QREN Mouraria

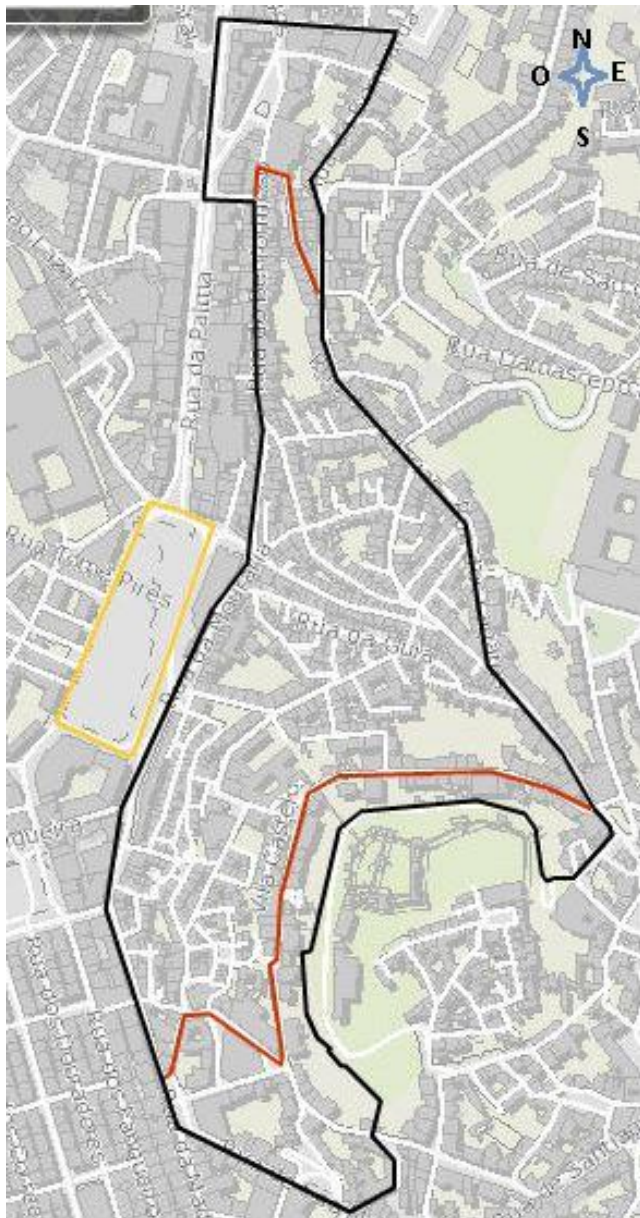
Plano de Intervenção



Fonte: <http://www.aimouraria.cm-lisboa.pt/>

Anexo B4

Delimitação do Bairro da Mouraria



Fonte: Criação própria a partir de <http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>